

# ALLAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ■ AGOSTO DE 1991



# A LIAHONA

AGOSTO DE 1991



#### Na capa:

Esses missionários em Tonga dedicam-se a uma obra iniciada nas ilhas há cem anos. Em comemoração deste centenário, compartilhamos a vida de alguns santos tonganeses e seu legado de fé. Vide p. 36. Foto da capa de William Floyd Holdman.

#### Capa da seção infantil:

Joshua Dennis, de dez anos, está de volta ao "skate" e outras atividades favoritas, depois de resgatado de uma mina abandonada, após cinco dias de solidão. Vide "Joshua Dennis: Um Tesouro de Fé", p. 14.

## DESTAQUES

<b>MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "FORTALECE TUAS ESTACAS"</b> PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON .....	2
<b>"ENCONTREI O VERDADEIRO SACERDÓCIO"</b> ANN LAEMMLEN LEWIS .....	8
<b>NAS RUAS DA ANTIGA JERUSALÉM</b> MARVIN K. GARDNER .....	17
<b>OS SANTOS DE TONGA: UM LEGADO DE FÉ</b> ERIC B. SHUMWAY .....	36
<b>NUNCA SE É VELHO DEMAIS</b> STEPHEN K. CHRISTIANSEN .....	46

## ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

<b>OS AMIGOS DE LIISA</b> RICHARD M. ROMNEY .....	12
<b>TRACE SUA ROTA POR ELA</b> ÉLDER RICHARD P. LINDSAY .....	18
<b>"SÓ CORTE MEUS CABELOS!"</b> JERRY MCKEAN .....	32

## DEPARTAMENTOS

<b>COMENTÁRIOS</b> .....	1
<b>TENHO UMA PERGUNTA: O PROPÓSITO DA VIDA COMO MULHER SOLTEIRA</b> MARY ELLEN EDMUNDS .....	22
<b>MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: CARIDADE: UM MINISTÉRIO DE ABNEGAÇÃO</b> .....	25
<b>MANUAL PARA A FAMÍLIA: COMO LIDAR COM O ESTRESSE E O DESÂNIMO</b> .....	26

## SEÇÃO INFANTIL

<b>HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: ABINÁDI E O REI NOÉ</b> .....	2
<b>SÓ PARA DIVERTIR</b> .....	7
<b>TEMPO DE COMPARTILHAR: ORAÇÃO SINCERA</b> LAUREL ROHLFING .....	8
<b>A FAMÍLIA TERRENA</b> KIMBERLEY A. LITTLE .....	10
<b>FAZER AMIGOS: JOSHUA DENNIS: UM TESOURO DE FÉ</b> SHANNON W. OSTLER .....	14

AGOSTO de 1991, Vol. 44, nº 8  
91988 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo  
dos Santos dos Últimos Dias.

**A Primeira Presidência:**

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S.  
Monson

**Quorum dos Doze:**

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L.  
Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A.  
Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell  
Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

**Consultores:**

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg,  
Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L.  
Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

**International Magazines:**

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Controlador: Diana W. Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

**A Liahona:**

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingoranco

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE  
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob  
n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas  
deverá ser endereçada ao:

**Departamento de Assinaturas**

Caixa Postal 26023

São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 1.800,00; para  
Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua  
Aquilino Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual  
Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea,  
US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 150,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas  
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de  
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do  
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos  
Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número  
93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras  
de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de  
9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de  
Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada  
mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês,  
finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano,  
norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e  
tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês;  
e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. -Rua  
21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à  
orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito  
de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não  
obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação  
da redação e da equipe internacional do "International  
Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos  
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,  
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly  
by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East  
North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class  
postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional  
mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per  
single copy. Thirty days' notice required for change of  
address. When ordering a change, include address label  
from a recent issue; changes cannot be made unless both the  
old address and the new are included. Send U.S.A. and  
Canadian subscriptions and queries to Church Magazines,  
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,  
U.S.A. Subscription information telephone number 801-  
240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at  
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,  
U.S.A.

**COMENTÁRIOS**

**TÃO FELIZ**

Quando minha filha partiu para a  
missão em Idaho, senti-me muito triste e  
só. Orei ao Pai Celestial por consolo e  
encontrei a ajuda e a força de que  
necessitava, lendo a *Liahona* (espanhol).  
Agora, essa bela revista me acompanha  
aonde quer que eu vá. Estou tão feliz!

*Edna Liquidano*

*La Ciénega Ward*

*Los Angeles, Califórnia, USA*

**INSPIRADA**

A *Liahona* (espanhol) é realmente uma  
revista inspirada. Respeito-a como revista  
importante, que traz a verdadeira  
mensagem do evangelho ao nosso lar. Os  
discursos e artigos publicados na revista  
ensinam princípios que não só nos ajudam  
no viver diário, como também nos  
preparam para a eternidade.

Obrigada por fazer com que a *Liahona*  
chegue todos os meses ao nosso lar.

*Carmem María Tolentino*

*Ramo Curaçao*

*Missão Venezuela Caracas*

**ILUSTRAÇÕES VALIOSAS**

Sou muito grata por ler a *Liahona*  
(espanhol) todos os meses, por causa da  
valiosa matéria que ela contém para meu  
uso pessoal, da família e da Igreja.

Sou professora de Viver Espiritual em  
minha ala e freqüentemente uso exemplos,  
histórias ou citações escriturísticas da  
revista. Aprecio particularmente as belas  
ilustrações — fotos e desenho — que

exercem grande impacto e são muito úteis  
no ensino.

Por esta razão, e por estar certa de que  
muitos outros membros os usam como eu,  
sugiro que incluam no índice anual um  
índice suplementar, por assunto, das  
ilustrações. Seria bom incluir as ilustrações  
grandes, de página inteira, ou às vezes duas  
páginas. Muitas vezes tenho passado horas  
folheando as revistas uma a uma, na  
tentativa de encontrar uma ilustração que  
vira antes. Um índice resolveria o  
problema.

Minha sincera gratidão a todos os que  
trabalham com a revista.

*Celsa Sánchez de Riquelme*

*Ala Godoy Cruz Central*

*Mendoza, Argentina*

Editor: Grato pelas sugestões. O índice anual  
já estava pronto quando recebemos sua carta.  
Entretanto, consideraremos sua sugestão para  
o futuro.

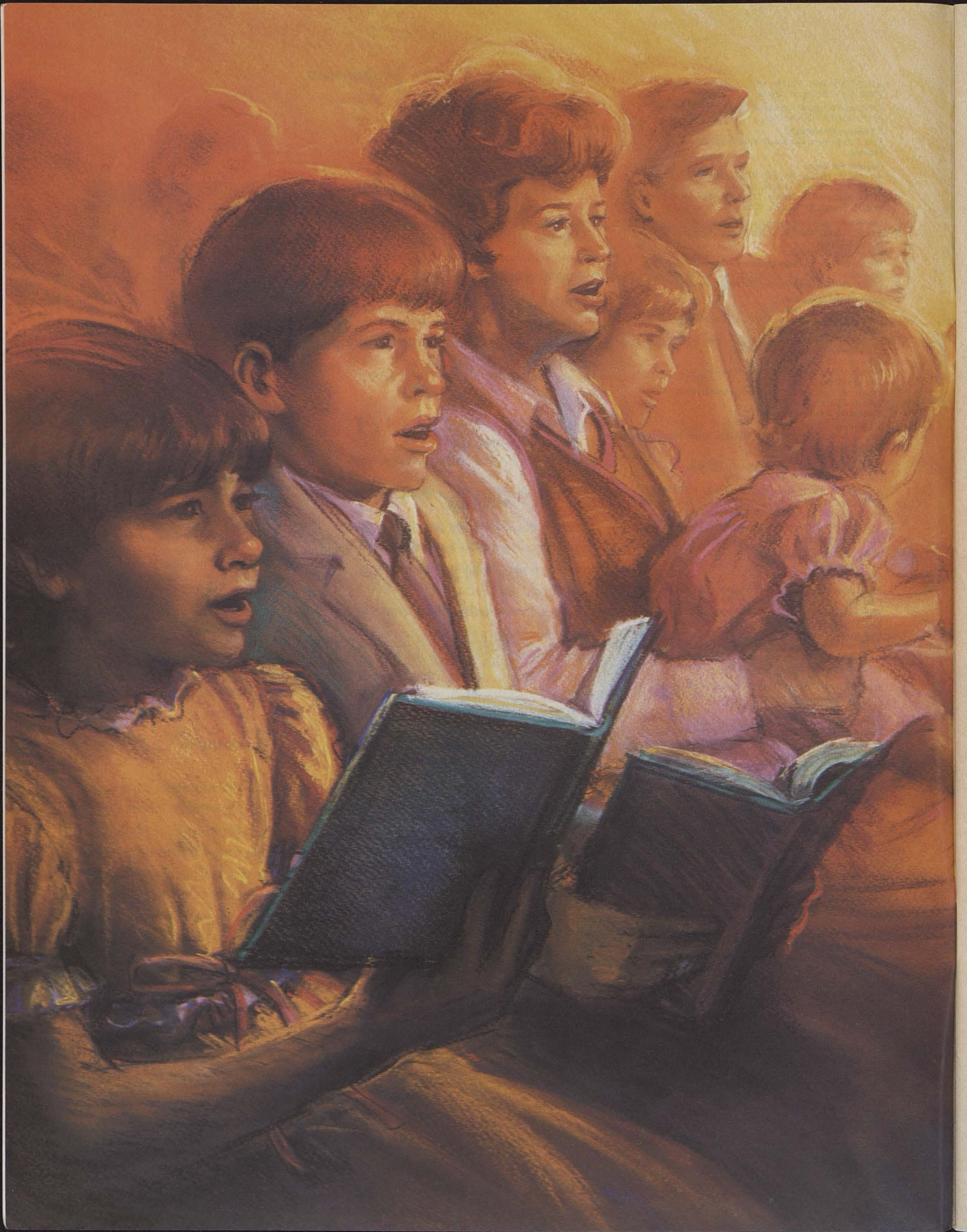
**SER DIGNO**

Em nossa família adquirimos um grande  
testemunho do evangelho, e sabemos que  
o Livro de Mórmon é verdadeiro.  
Desejamos que nossos irmãos do mundo  
inteiro o leiam com real intenção, para que  
saibam da veracidade do Evangelho de  
Cristo e do Deus vivente. Sei que ele nos  
ama, que se entristece quando nos  
desviamos do caminho e está disposto a  
nos dar outra oportunidade, para que  
continuemos a melhorar. Que possamos ser  
dignos dessas bênçãos!

*Juan Ignacio Pulido Escobar*

*Estaca Villahermosa México*

*Reforma Chiapas, México*



# “Fortalece Tuas Estacas”

Presidente Ezra Taft Benson

O termo *estaca* é uma expressão simbólica. Visualizai mentalmente uma grande tenda sustentada por diversas cordas, presas a muitas estacas firmemente enterradas no chão.

Os profetas comparam Sião dos últimos dias a uma grande tenda que abarca a terra inteira, e que é sustentada por cordas presas a estacas. Essas estacas, é óbvio, são várias organizações geográficas espalhadas pela terra. Hoje, Israel está sendo incluída nas várias estacas de Sião.

A fim de inculcar-vos o propósito de uma estaca, citarei algumas passagens das escrituras:

“E novamente, se em Sião ou em *qualquer de suas estacas organizadas*, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

**A função da estaca é unir e aperfeiçoar seus membros e ser um padrão de retidão, uma defesa contra o mal e um refúgio contra tempestades futuras.**

Pois isto será lei para os habitantes de Sião ou para os de *qualquer de suas estacas organizadas.*” (D&C 68:25-26; grifo nosso.)

Aqui vemos um dos principais propósitos das estacas. Elas são organizadas para ajudarem os pais que tenham “filhos em Sião” a ensinar-lhes o Evangelho de Jesus Cristo e administrar-lhes as ordenanças de salvação. As estacas são formadas para o aperfeiçoamento dos santos, e este desenvolvimento começa no lar, com um eficaz ensino do evangelho.

Só depois de organizada a estaca, pode ser autorizado o programa completo da Igreja para benefício dos membros. Isto significa quoruns do sacerdócio para rapazes e homens adultos e os programas auxiliares da Igreja. Eles existem para ajudar famílias e indivíduos a edificar e fortalecer testemunhos do evangelho, e a preparar-se para o progresso espiritual, durante a provação na terra.

Noutra revelação diz o Senhor: “Pois Sião deverá crescer em beleza, e em santidade; seus limites deverão ser expandidos; suas estacas deverão ser fortalecidas; sim, na verdade vos digo, Sião deverá se erguer e vestir os seus lindos vestidos.” (D&C 82:14.)

Aqui o Senhor declara outro grande propósito de uma estaca: ser um lindo emblema para o mundo inteiro ver. A frase “e vestir seus lindos vestidos” refere-se, é lógico, à santidade interior que precisa ser atingida por todo membro que diz ser um santo. Sião é “o puro de coração”. (D&C 97:21.)

As estacas de Sião se fortalecem e os limites de Sião se ampliam quando os membros refletem o padrão de santidade que o Senhor espera de seu povo eleito.

“Veste-te da tua fortaleza, ó Sião” é um brado dos profetas em todas as eras, e foi interpretado pelo Profeta Joseph Smith desta maneira:

“(Isto) referia-se àqueles a quem Deus chamaria nos últimos dias, os quais teriam o poder do sacerdócio para outra vez restaurar a Sião e trazer a redenção a Israel; e *vestir a sua fortaleza é vestir-se de autoridade do sacerdócio*, a que ela, Sião, tem o direito por linhagem.” (D&C 113:8; grifo nosso.)

Outra revelação do Senhor também explica o propósito da estaca:

“Na verdade digo a vós todos: Erguei-vos e brilhai, para que a vossa luz seja um estandarte para as nações;

E para que a congregação na terra de Sião e em suas estacas seja para defesa e refúgio contra a tempestade e ira, quando esta for derramada sem piedade sobre a terra.” (D&C 115:5-6.)

Nesta revelação recebemos o mandamento de fazer nossa luz brilhar como um estandarte para as nações. Estandarte ou padrão é uma medida pela qual se determina o rigor da perfeição. Os santos devem ser um padrão de santidade para o mundo! Esta é a beleza de Sião.

O Senhor depois revela que as estacas de Sião devem ser uma “defesa e refúgio contra a tempestade e ira, quando esta for derramada sem piedade sobre a terra”. As estacas são para os santos uma defesa contra os inimigos, visíveis e invisíveis. A defesa é a orientação dada pelos canais do sacerdócio, que fortalecem testemunhos e promovem solidariedade familiar e retidão pessoal.

No prefácio para suas revelações em Doutrina e Convênios, o Senhor adverte: “O dia rapidamente se aproxima; ainda não é chegada a hora, mas está perto, quando a paz será tirada da terra e o diabo terá poder sobre o seu próprio domínio.” (D&C 1:35.)

Hoje — cerca de cento e sessenta anos depois de ser dada esta revelação — vemos o cumprimento dessa profecia. Satanás está exibindo com todo furor seu poder



**Devemos procurar oportunidades de compartilhar o evangelho com outras pessoas. O trabalho de membros-missionários é a chave para o futuro crescimento da Igreja.**

sobre “seu próprio domínio” — a terra. Nunca teve tamanha influência, e somente aqueles que tomaram o Santo Espírito por seu guia e seguem o conselho dos líderes eclesiásticos, serão poupados do malefício de sua influência.

O Senhor declara também, no prefácio para as revelações, que ele “terá poder sobre os seus santos, e reinará no seu meio”. (D&C 1:36.) Ele o faz operando por intermédio de servos unguídos e autoridades da estaca e ala.

O profeta Néfi, do Livro de Mórmon, previu o dia em que os santos estariam espalhados por estacas no mundo inteiro. Ele viu o tempo em que o Senhor lhes estenderia sua proteção, quando ameaçados por uma tormenta destruidora. Néfi profetizou:

“E aconteceu que eu, Néfi, vi o poder do Cordeiro de Deus que descia sobre os santos da Igreja do Cordeiro e sobre o povo do convênio do Senhor, que estava espalhado sobre a face da terra; e estavam armados com a justiça e o poder de Deus, em grande glória. (1 Néfi 14:14.)

Sabemos por revelação que haverá perigos, calamidades e perseguições nos últimos dias, mas, por sua retidão, os santos serão poupados. A promessa do Senhor no Livro de Mórmon é segura: “Por seu poder ele preservará os justos.” (1 Néfi 22:17.)

#### **PROPÓSITOS**

Pelas revelações, vemos que uma estaca tem pelo menos quatro propósitos:

1. Cada estaca, presidida por três sumos sacerdotes e apoiada por doze homens como sumo conselho, torna-se uma Igreja em miniatura, para os santos de determinada área geográfica. O propósito é unir e aperfeiçoar os membros que vivem em seus limites, facultando-lhes os programas da Igreja, as ordenanças e a instrução do

evangelho.

2. Os membros da estaca devem ser modelo ou padrão de retidão.

3. A estaca deve ser uma defesa. Isto acontece, à medida que os membros se unem sob os oficiais locais do sacerdócio e se consagram a cumprir seu dever e guardar seus convênios. Esses convênios, se guardados se tornam uma proteção contra o erro, o mal ou a calamidade.

Nós só construímos templos em estacas. As bênçãos e ordenanças do templo nos preparam para a exaltação. Obviamente não é possível que cada estaca tenha um templo, mas hoje vemos marcante — sim, miraculoso — desenvolvimento na construção de templos, em diferentes partes do mundo. Esse programa permite que os membros da Igreja recebam as bênçãos plenas do Senhor.

4. A estaca é um refúgio contra as tormentas a serem derramadas sobre a terra.

#### **RESPONSABILIDADE DOS MEMBROS**

Tendo em mente esses propósitos da estaca, abordarei a responsabilidade dos membros de uma estaca. Resumamos:

1. Devemos ser uma “luz” do Evangelho de Jesus Cristo para os outros. O Senhor ordenou: “Que classe de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou.” (3 Néfi 27:27.)

2. Devemos buscar oportunidades de compartilhar a mensagem do evangelho com outras pessoas. O trabalho do membro missionário é a chave para o futuro crescimento da Igreja, e é uma das grandes chaves do crescimento individual dos membros.

3. Devemos fazer o possível para preparar nossos filhos e netos para a missão. Todo rapaz deve ter uma

**Cada estaca, presidida por três sumos sacerdotes e apoiada por um sumo conselho de doze homens, torna-se uma Igreja em miniatura para os santos de determinada área geográfica.**

conta de poupança para a missão.

4. O lar deve ser um lugar de refúgio, amor e harmonia. Sob a direção do pai, toda família deve fazer orações, estudar o evangelho e realizar a noite familiar.

5. Devemos buscar as bênçãos e ordenanças do templo. Isto significa guardar os mandamentos do Senhor — honestidade, integridade, castidade pessoal — e apoiar a liderança do sacerdócio do Senhor. Significa também que os irmãos são dignos de serem ordenados ao Sacerdócio de Melquisedeque.

6. Temos a obrigação de realizar ordenanças vicárias pelos parentes falecidos. Isto quer dizer que faremos a pesquisa, a fim de que seus nomes sejam enviados ao templo. Não seremos exaltados se não estivermos eternamente ligados aos nossos antepassados.

7. Devemos procurar ser auto-suficientes como família. Desde 1936, os membros da Igreja foram instruídos a terem uma reserva de mantimentos e roupas para um ano e onde possível, de combustível. Isto nos permitirá sobreviver ao desemprego, perda de rendimentos ou mesmo calamidades, como mencionam as revelações.

8. Os portadores do sacerdócio precisam zelar pelos membros do quorum e seus familiares, por meio do ensino familiar organizado. Devemo-nos interessar por todo irmão da Igreja que estiver ao nosso encargo, e que não participa plenamente da atividade na Igreja.

9. Devemos participar dos programas e atividades da Igreja — santificar o dia do Senhor, freqüentar as reuniões, aceitar chamados e magnificá-los. Prestar serviço de boa vontade; prometo-vos que tereis grande alegria.

10. Todo membro adulto deve ser um dizimista integral e dar uma generosa oferta de jejum.

Testifico-vos que esta é a obra do Senhor, a maior obra no mundo inteiro. Deus nos abençoe, para que sejamos

fiéis e valentes no testemunho dessa grande obra.

Termino com o apelo de Morôni, o grande profeta do Livro de Mórmon:

“Veste-te com tuas belas roupagens, ó filha de Sião; fortalece tuas estacas, alarga tuas fronteiras para sempre, para que não mais sejas confundida e sejam cumpridos os convênios que o Pai Eterno fez contigo, ó casa de Israel.” (Morôni 10:31.) □

*De um discurso dirigido pelo Presidente Ezra Taft Benson às estacas da Igreja.*

#### **IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES**

1. O Senhor instituiu as estacas para quatro propósitos principais:

- unir e aperfeiçoar os membros que vivem dentro de seus limites.
- serem modelos de retidão.
- serem uma defesa para os membros.
- serem um refúgio contra tormenta, quando esta for derramada sobre a terra.

2. Fazer parte de uma estaca traz importantes responsabilidades aos membros:

- serem uma “luz” do evangelho, compartilhar o evangelho com outros, e preparar filhos e netos para a missão.
- fazerem do lar um lugar de refúgio, amor e harmonia.
- buscar as bênçãos e ordenanças do templo para si mesmo e para os parentes falecidos.
- serem auto-suficientes.
- participar dos programas e atividades da Igreja.
- pagar o dízimo integralmente e fazer generosas ofertas de jejum.



# “ENCONTREI O VERDAI

Ann Laemmlen Lewis

Quando Fan Hsieh leu a respeito da restauração do sacerdócio, ele quis saber mais. “Pela primeira vez, desde que fora desobrigado do sacerdócio em minha própria igreja, imaginei a possibilidade de vir a portar o sacerdócio de novo”, diz ele.

Depois de servir dezoito anos como sacerdote católico, Hsieh deixou seu ministério por sentir certo “vazio espiritual”. Agora, estudando o evangelho restaurado, estava prestes a descobrir o verdadeiro sacerdócio de Deus.

Fan Hsieh nasceu a 23 de agosto de 1922 em Tayeh, uma isolada comunidade agrícola da China. Só iniciou sua educação formal aos dez anos de idade. Após quatro anos de escola particular, matriculou-se numa escola católica, começou a aprender a respeito de Jesus Cristo e foi batizado como católico. “Eu via o exemplo de muitos bons missionários católicos”, diz ele, “e pensei que a China pudesse precisar de mais deles para ensinar o povo a respeito de Jesus Cristo. Então decidi tornar-me um sacerdote.”

O caminho de Hsieh nesse sentido foi longo e árduo. Frequentou um seminário católico em Wuhan, durante quatro anos. Depois estudou numa universidade católica na cidade de Beijin (Pequim). Um ano mais tarde, os comunistas tomaram a cidade e Hsieh fugiu para Xangai, onde frequentou a Universidade Jesuíta Aurora. Quando as forças comunistas invadiram Xangai, ele transferiu-se para o seminário católico de Hong Kong. Depois, por motivos políticos, o seminário foi transferido para Macau. Foi aí que Hsieh foi ordenado padre católico.

Depois da ordenação, ele foi designado para Roma,

Itália, onde estudou italiano, latim e direito por quatro anos. Em seguida foi para Paris, França, onde estudou francês, grego, hebraico, inglês, espanhol e alemão, a fim de entender melhor textos originais e as várias traduções da Bíblia. Queria aprender tudo que pudesse a respeito do Salvador.

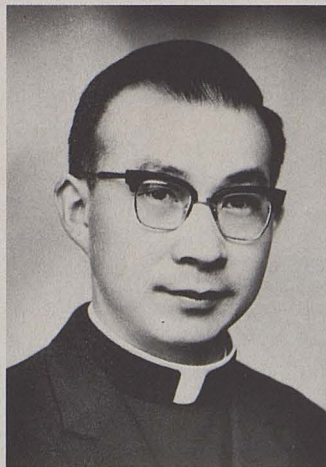
Em 1967 finalmente, o desejo original de Hsieh, de ensinar seu povo a respeito de Jesus Cristo, tornou-se realidade. O Cardeal Yu Ping, presidente da Universidade Católica Fu Jen em Taiwan, convidou-o a integrar seu corpo docente, como professor de filosofia e francês. Nesta designação, Hsieh começou a expressar a terceiros seu crescente testemunho de Jesus Cristo.

“Passei dezoito anos ensinando e cumprindo minhas responsabilidades como sacerdote”, diz Hsieh. “Eu era muito ocupado, mas não era feliz. Tivera oportunidade de estudar na Europa; fora professor, estudante,

catedrático, capelão, diretor de seminário — minha vida era intensa — mas havia um vazio espiritual.”

E havia na igreja Católica regras e costumes com os quais Hsieh não concordava, tal como o veto a certos livros — e ele gostava de ler e estudar tudo que pudesse. Outro problema que o afligia, como sacerdote ordenado, era a declaração do Senhor: “Não é bom que o homem esteja só.” (Gênesis 2:18.)

“Esta escritura em particular tornou-se uma realidade vívida para mim, quando certa vez fiquei gravemente doente e não havia ninguém para cuidar de mim. Sentia-me muito só. Compreendi a necessidade de uma companhia com quem pudesse compartilhar minha vida. Decidi, então, que ficar para sempre só não era certo.”



# A DEIRO SACERDÓCIO”

Esses sentimentos se foram avolumando com o passar do tempo. Finalmente, em 1973, ele solicitou desobrigação dos votos sacerdotais. Demitiu-se da Universidade Fu Jen, sendo contratado imediatamente pela Universidade Nacional Cheng Chi de Taipé. Passado um ano, Hsieh conheceu, cortejou e desposou uma de suas assistentes universitárias. Na época ele tinha cinquenta anos.

“Desistir do sacerdócio foi muito difícil para mim”, diz ele. “Fora padre durante longos anos. Agora desistira de tudo aquilo pelo que vivera até então. Sentia falta de compartilhar meu conhecimento e discernimento do evangelho, algo que podia fazer como sacerdote. Pensei em tornar-me ministro em outra igreja que permitisse que os ministros se casassem, mas devido à crença na igreja Católica, não pude fazê-lo.”

Três anos depois de seu casamento, Hsieh encontrava-se sozinho em casa, quando dois jovens bateram à porta. “Eles queriam conversar comigo e eu respondi que não tinha tempo nem interesse no que quer que quisessem dizer-me. Pensando, porém, a respeito deles, fiquei curioso de saber quem eram e o que faziam em Taiwan; então olhei do terraço de meu apartamento e vi que batiam de porta em porta. Esperei muito tempo até que saíssem de um dos apartamentos e os chamei de volta.

A primeira coisa que lhes perguntei foi se eram missionários. Ao dizerem que sim, indaguei qual era sua religião. Muitas de minhas perguntas ficaram sem resposta e não fiquei muito satisfeito com a primeira conversa.

Naquela noite, discutindo a visita deles com minha esposa, ela lembrou-me da advertência do Senhor de nos acautelarmos dos falsos profetas.” (Vide Mateus 7:15.)

Quando os missionários apareceram novamente, Hsieh não pretendia deixá-los entrar, mas também não queria ser descortês. Durante toda a noite Hsieh explicou aos missionários como deveria ser a verdadeira religião. Ele não contou que fora sacerdote católico, mas eles ficaram entusiasmados com seu conhecimento do cristianismo.

Conta Donald B. Cenatiempo, um dos missionários, a respeito da experiência: “Sentia-me como se fôssemos os alunos e ele o professor. Dava para notar que era um homem muito inteligente e religioso.” Os missionários perguntaram se poderiam voltar, e Hsieh permitiu. As visitas se tornaram um ritual semanal.

“Eu não queria mandá-los embora”, recorda Hsieh. “Pensei que

se a igreja deles fosse verdadeira, devia ter um profeta e revelação contínua. Perguntei-lhes por que sua igreja não usava cruz nem crucifixo, e eles responderam: ‘Porque Cristo ressuscitou. Cristo vive. Se um de seus amigos ou parentes morre’ disseram, ‘o senhor tira uma fotografia deles, depois de mortos, e fica mostrando aos outros?’ Fui espiritualmente tocado pela sabedoria da resposta.”

Hsieh começou a ler o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios, do qual gostou especialmente por ser um registro do Senhor falando ao homem nos últimos dias. Quis ler outros livros e os missionários lhe deram um exemplar de *Uma Obra Maravilhosa e um Assombro* de Élder LeGrand Richards.

“Explicamos que o irmão Hsieh podia receber o



**Fan Hsieh, sua esposa Shou-yi Lou, e o filho de dezesseis anos, Ya-way. Um ex-sacerdote católico, irmão Hsieh serviu na presidência do Templo de Taiwan de 1986 a 1990. A irmã Hsieh tem servido nas auxiliares da ala, como oficiante do templo e instrutora do instituto de religião. Ya-way realizou mais de dois mil batismos vicários quando era diácono.**

sacerdócio e cumprir certos deveres do mesmo”, diz o élder Cenatiempo. “O irmão Hsieh compreendeu perfeitamente o que significaria para ele portar o sacerdócio — o verdadeiro sacerdócio de Deus.”

Hsieh explicou à esposa o que havia lido, e ela achou muito interessante. Juntos estudaram e oraram em busca de entendimento. Finalmente, a esposa de Hsieh comunicou aos missionários: “Nós oramos e achamos melhor sermos batizados juntos.” Eles foram batizados em dezembro de 1977.

Nos anos seguintes a esse acontecimento especial na vida deles, adquiriram um forte testemunho, que gostam de compartilhar com outros.

“Sempre dissemos que estaríamos dispostos a fazer o que o Senhor quisesse”, diz o irmão Hsieh. “E sempre procuramos aproveitar toda a oportunidade e cada talento que nos foi dado, para ajudar a edificar o reino de Deus na terra e compartilhar a mensagem do evangelho.

O irmão Hsieh tem encontrado algumas oportunidades únicas de fazê-lo. Sete vezes ele proferiu palestras na Conferência Internacional para Professores Cristãos. “Eles estão interessadas na Igreja, por ser relativamente nova e singular no cristianismo moderno”, diz ele. “O Senhor me deu muitas oportunidades de prestar testemunho a esses eruditos.”

Atualmente, o irmão Hsieh, membro da Ala Mu Cha, serve como sumo conselheiro na Estaca Taipé Taiwan Leste, e colabora numa segunda tradução do Livro de Mórmon para o chinês.

“O evangelho é o amor de Deus”, diz ele. “É importante que todos ouçam esta mensagem. O que fazemos, fazemo-lo pela glória de Deus e salvação de almas. A amizade é o método pelo qual compartilhamos o evangelho. A meta final de todos é a salvação e exaltação.” □





FOTO DE M.M. KAWASAKI



# OS AMIGOS DE LIISA

Richard M. Romney

Os golfinhos ensinaram a Liisa Roto que com os animais, como com pessoas, o amor nasce da confiança.

Liisa Roto, de Tampere, Finlândia, tem alguns amigos que ela gostaria que conhecessem, mas para visitá-los é preciso permissão prévia, e também usar sapatos de papel para não carregar bactérias para a área em que vivem. E Liisa tem de falar com eles, acalmá-los e convencê-los a terem confiança no visitante.

Então Liisa fica ao lado de um tanque, levanta as duas mãos acima da cabeça e faz soar um apito. Seus amigos disparam em sua direção, pela água, qual torpedos lustrosos e cinzentos. Em seguida eles se erguem como mísseis e lançam-se ao ar, molhando todos no processo.

Os amigos de Liisa são golfinhos.

“São criaturas maravilhosas”, conta Liisa. “Lidando com eles todos os dias, trabalhando com eles, treinando-os, chega-se a conhecer cada um como um indivíduo.” Liisa chama cada golfinho pelo nome e todos eles atendem.

“Esta é Nasi. Ela gosta de tirar fotografias.” E o golfinho se apressa a fazer pose.

Quando Liisa, de vinte anos, soube do emprego no *Delfinaario* (aquário de golfinhos), ficou entusiasmada.

Tinha boas qualificações. Na escola secundária da Finlândia ela estudara biologia, mas também matemática, ciência, física e química.

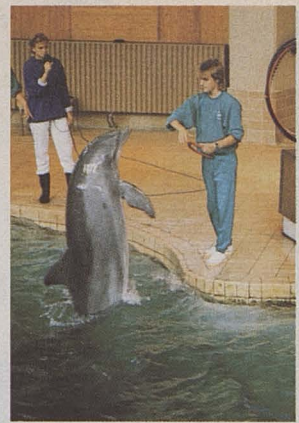
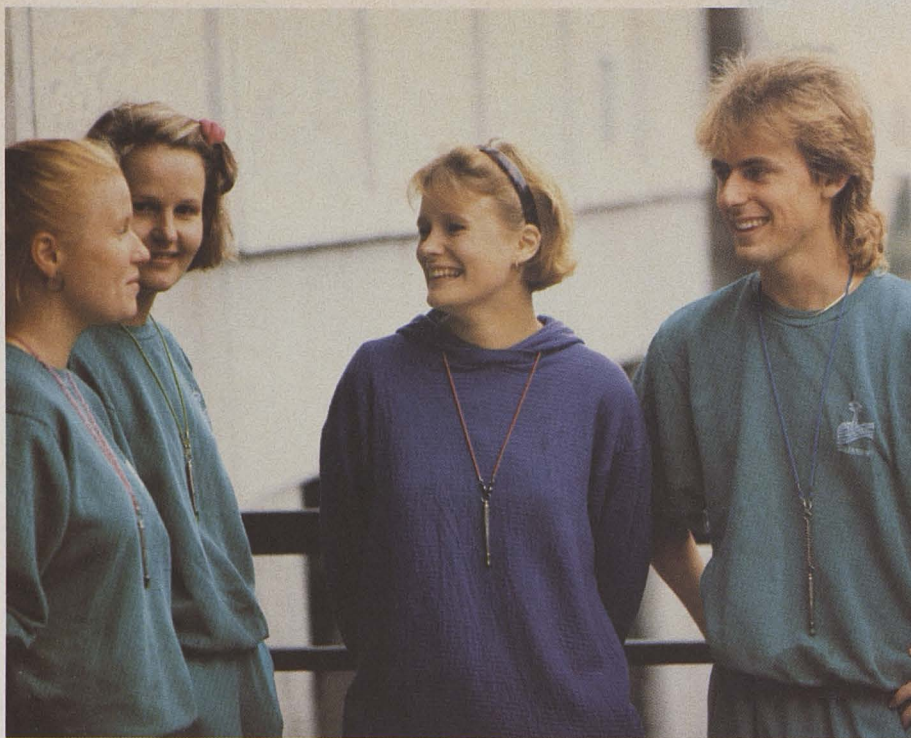
“Tudo isso faz parte do trabalho”, explica ela. “E sempre me interessei por animais.” E o emprego ajudá-la a ganhar dinheiro para pagar os estudos universitários na Suécia. Seu entusiasmo e formação compensaram — ela foi contratada.

Liisa aprendeu que fazer amizade com mamíferos oceânicos significa serviço. Todos os dias ela prepara a ração deles, dá-lhes vitaminas, brinca com eles e colhe amostras da água de seus tanques, para exames de laboratório. Quando não está lidando diretamente com os golfinhos, pode ser encontrada registrando a história diária de cada animal no computador, discutindo testes de laboratório das amostras de água ou lendo relatórios técnicos.

Ela também passa tempo com outros treinadores e pesquisadores, e é mestre de cerimônia nos espetáculos de golfinhos apresentados a turistas e visitantes, reunidos na arena do *Delfinaario*. Às vezes ela se encontra com o



FOTO DE RICHARD M. ROMNEY



**Cada dia é repleto de trabalho, mas trabalhar juntos cria um profundo senso de camaradagem. O público muitas vezes comenta como os golfinhos e treinadores parecem conhecer-se perfeitamente.**

pai, Pekka Roto, presidente de estaca em Tampere, para uma ida ao famoso mercado coberto de Tampere, onde os corredores são repletos de produtos do mundo inteiro.

“Eu continuo comendo peixe”, diz ela, notando que golfinhos não são peixes mas mamíferos, “mas já não sou muito amiga de arenques. É a ração dos golfinhos.”

O prato favorito de Liisa? “Cogumelos.”

Seu apego aos animais nasceu naturalmente. Quando criança, ela viveu numa fazenda e tinha um cavalo de estimação. “Lembro-me de que, quando jovem, me perguntava se o Senhor amaria meu cavalo tanto quanto eu o amava. Decidi que sim, e que eu devia amar todas as criaturas, também. Elas são parte deste mundo que ele criou para nós.”

Conversando com Liisa sobre golfinhos, dá para notar que ela sabe muitas coisas sobre eles: Os golfinhos são levados para a Finlândia da Flórida, nos Estados Unidos, e do Golfo do México. Durante o transporte para o novo lar, eles são besuntados com uma emulsão que impede a perda de umidade. Os golfinhos não comem naturalmente peixe morto — precisam ser ensinados;

mas os filhotes podem ser alimentados esguichando-se leite em seu focinho. Quando um dos animais está doente, os outros se compadecem e cuidam dele. E os golfinhos são alguns dos animais mais inteligentes. Eles se comunicam entre si por meio de uma série de assobios e ruídos estridentes, que soam quase como pios de pássaros. Eles se orientam na água usando uma espécie de sonar interior.

Liisa sabe que os golfinhos são saltadores por natureza e que os treinadores reforçam essa característica para ensinar-lhes novos truques, como “andar” sobre a cauda na superfície da água. Os golfinhos brincam para divertir-se e os treinadores aproveitam essa tendência para ensiná-los a usarem bolas, argolas e cestas.

Percebe-se também que Liisa é muito apegada aos golfinhos. Ela despeja água no tanque e mostra como os golfinhos se juntam para sentir as bolhas no focinho e na cabeça. Ela faz os animais espadanarem a água com suas barbatanas ou saírem do tanque para serem acariciados, mas sempre tratando-os com o máximo respeito.





**Todos os dias, Liisa escreve a história de cada golfinho. "Estou simplesmente acompanhando de perto meus amiguinhos", diz ela.**



"Eles são meus amigos", diz ela. "Eu sei que o Pai Celestial quer que sejamos bondosos com eles."

Liisa leu na Pérola de Grande Valor que o Senhor criou as criaturas do mar. "E eu, Deus, disse: Produzam as águas, abundantemente, criaturas que se movam e que tenham vida." (Moisés 2:20.) Ela sabe que o Senhor criou "espiritualmente todas as coisas... antes que elas fossem naturais sobre a face da terra". (Moisés 3:5.) E lembra uma escritura em Doutrina e Convênios: "Pois é conveniente que eu, o Senhor, faça cada homem responsável, como um mordomo sobre bênçãos terrenas, as quais fiz e preparei para as minhas criaturas." (D&C 104:13.)

"Não consigo trabalhar com os golfinhos e achar que foram criados por acaso", diz Liisa. "Não consigo ler as escrituras sem sentir que o Senhor quer que compartilhemos o mundo com seus outros habitantes, de modo que possamos todos viver e crescer juntos."

É esta convicção que fez os companheiros de Liisa respeitá-la por seu amor aos animais, também.

Naturalmente, a vida de Liisa não se concentra só nos

golfinhos. Na faculdade, ela vai estudar Economia e espera trabalhar nesse campo. Ela tem uma família que ama e admira, e tem um chamado na Igreja. Ela fala na possibilidade de cumprir missão, de casar-se no templo e ter uma família própria. E continua visitando a fazenda da família nos arredores de Tampere, pois é amiga dos animais de lá também.

Liisa encara seu emprego no *Delfinaario* como um trabalho temporário. "É um trabalho que eu adoro", diz ela, "mas não é o que planejo fazer para sempre." Enquanto isso, está aprendendo muita coisa sobre pesquisa e sobre treinar com amor — "os golfinhos realmente percebem como nos sentimos em relação a eles", diz — e sobre amizade, o tipo de amizade que o Pai Celestial pretendeu que existisse entre os animais e os humanos. □

*Nota do editor: Depois que o artigo foi escrito, Liisa foi chamada como missionária de tempo integral para os Estados Unidos, e está servindo na Missão Ogden Utah.*

FOTO DE TIMOTHY TAGGART



Marvin K. Gardner

# N A S R U A S D A A N T I G A JERUSALÉM

**J**erusalém Antiga. Ruas estreitas — pouco mais largas que um beco — ficam apinhadas de pessoas de todo o mundo: turistas de bermudas e óculos escuros, sacerdotes envergando vestes de diversas ordens religiosas, jovens soldados carregando metralhadoras, homens e rapazes judeus usando solidéu, e árabes em graciosos mantos e turbantes. Algumas mulheres usam xales e véus; outras trajam roupa formal. Crianças pequenas correm por entre a multidão.

Ao atravessarmos o *souk* (mercado), ouvimos por todo lado pessoas pechinchando. E as escolhas são assombrosas. Os vendedores expõem as mercadorias estendendo-as em plena rua, defronte da loja. Há cestos cheios de nozes, frutas e verduras. Longos trajes bordados pendem do alto. As prateleiras estão repletas de estatuetas religiosas esculpidas em madeira de oliveiras. São fileiras e mais fileiras de painéis de latão, bandejas de cobre e prata, cerâmica vitrificada da Armênia e jarras persas. E há uma infinidade de jóias de ouro e prata, agasalhos de pele de carneiro e couro, e exóticos tapetes orientais.

Alguém está preparando *falafel* (mistura condimentada de legumes picados); outro assando *shish kebab*; ao aroma de pão fresco mescla-se o cheiro de estranhas especiarias.

Mercadores postados à porta da loja nos convidam a entrar. Músicas de várias procedências vêm dos rádios.

Minha esposa Mary, e eu paramos numa pequena loja de artigos religiosos que interessam a cristãos, judeus e muçulmanos. Enquanto apreciamos a mercadoria, o dono — um pequeno e magro árabe — explica a utilidade e significado de diversos objetos. E fala-nos do Corão.

Decidimos o que levar e começamos o costumeiro ritual da pechincha. Esperando ter conseguido um preço justo, entregamos ao homem algumas notas novinhas.

Ele as conta e surpreende-nos devolvendo-nos uma.

“Deram-me demais”, explica. As cédulas novas haviam ficado grudadas e, assim, pagáramos mais do que o devido.

“Muito obrigada”, diz Mary. “Apreciamos sua honestidade.”

“Ora, eu não estou sendo honesto com *os senhores*”, replica o homem. “Estou sendo honesto comigo e minha casa. Não vou comprar alimento para minha família com dinheiro desonesto!”

Voltando para a rua barulhenta e cheia de gente, compreendemos que conseguíramos mais do que pretendíamos — a lembrança de um amigo árabe que não quis vender-se por uma nota nova de dólar. □

# TRACE SUA ROTA POR ELA



**E**u era bem criança quando meu pai morreu de pneumonia. Meu irmão de quatorze anos faleceu poucos dias depois, de um outro mal. Era o início da década de trinta e estávamos em plena depressão nos Estados Unidos. Empregos eram raros e o dinheiro também escasso. Minha mãe, uma enfermeira, lutava para sustentar os cinco filhos restantes. Não era uma vida fácil para nós, e muitas vezes ficava imaginando como tudo terminaria.

Uma coisa, porém, aconteceu naqueles tempos duros, de que me lembro como se fosse ontem, algo que me fez olhar o futuro com coragem e esperança.

Cerca de um ano após o falecimento de meu pai, um primo dele foi visitar-nos. Israel Bennion chegou não só para uma visita social, mas como patriarca da estaca. Todos nós, crianças, banhados e trajados como se fôssemos à Igreja, esperamos

nossa vez para que aquele homem digno nos colocasse as mãos sobre a cabeça e desse-nos a bênção patriarcal.

Eu tinha só sete anos, idade insuficiente para entender o alcance do que estava acontecendo. (Hoje, a Igreja recomenda esperar até que sejam mais velhos para receber a bênção patriarcal.) Senti uma grande reverência, a mesma coisa que costumava sentir nas reuniões de jejum e testemunho. Lembrei-me de suas instruções, embora breves, de que minha bênção devia ser um guia para mim, algo que usasse para traçar meu curso pela vida afora.

Embora criança, fiquei impressionado com as declarações do irmão Bennion ao dar-me a bênção. Disse-me que o Espírito do Senhor me acompanharia durante meu crescimento, que o evangelho estaria em meu coração, que eu amaria a obra do Senhor e que por ele seria abençoado.

Sua bênção patriarcal pode guiá-lo pela vida inteira.

**Élder Richard P. Lindsay**  
do Quorum dos Setenta



FOTO DE PHILIP S. SHURTLEEF

■ Como se obtém a bênção patriarcal? Iniciais o processo formal conversando com o bispo. Ele poderá responder a vossas perguntas e ajudar-vos na preparação. Quando estiverdes prontos, ele vos dará uma recomendação.

■ O bispo é instruído a emitir recomendações somente para quem tiver idade suficiente e for membro da Igreja há tempo bastante para apreciar a natureza sagrada da bênção.

■ A bênção é dada em particular, embora alguns familiares possam estar presentes. Chegai à entrevista numa atitude de humildade e oração. Poderíeis também estar em jejum.

■ Não compareis bênçãos, nem faleis delas a não ser com pessoas chegadas da família. Elas não devem ser lidas na Igreja ou em reuniões públicas.

■ A bênção patriarcal não é uma previsão do destino. É uma fonte de orientação, à medida que cresceis em maturidade e espiritualidade. Como acontece com todas as bênçãos, o cumprimento de vossa bênção patriarcal depende da dignidade pessoal e de vossa proximidade com o Espírito.

Falou do futuro, de que um dia eu seria um juiz em Israel, que teria filhos, um corpo forte e mente saudável.

Acima de tudo, porém, ele despertou algo em mim. Comecei a perceber que era literalmente um filho de Deus. O Senhor sabia quem eu era e o que estava fazendo. Se vivesse corretamente, ele me ajudaria.

Minha bênção patriarcal consiste de só duzentas e sessenta e três palavras, mas sempre me causou profunda impressão. Lendo-a e refletindo sobre ela no decorrer dos anos, essa impressão jamais diminuiu.

Para uma criança de sete anos, a expressão "juiz em Israel" era muito profunda para ser entendida. Na adolescência, entretanto, aprendi que ela era usada para descrever um bispo. Eu não conseguia imaginar-me como tal, mas sabia que, para ser bispo, era melhor ser digno. Tracei um curso que incluía honestidade, altos padrões e pureza moral. (E fui mesmo chamado como bispo, por homens que nada sabiam da promessa patriarcal.)

Carreguei minha bênção patriarcal comigo enquanto servi na Marinha dos Estados Unidos, na II Guerra Mundial. Eu me criara em Taylorsville, Utah, protegido e tímido, produto de uma tranqüila comunidade pioneira. Agora enfrentava uma vida mais rude, onde palavrões e profanidades eram coisas comuns, onde certos homens se vangloriavam diariamente de proezas



sexuais. Novamente, minha bênção patriarcal serviu-me de farol. Suas promessas me davam esperança de permanecer puro, de sobreviver ao conflito e viver para servir no reino de nosso Pai Celestial.

Durante minha missão na Europa, uma frase de minha bênção patriarcal, sobre pregação do evangelho com poder, lembrava-me de que estava a serviço do Senhor e que, portanto, devia falar com autoridade. Quando voltei para casa e comecei a procurar uma esposa, sabia que precisava encontrar alguém que me ajudasse a ser digno. Afinal, minha bênção patriarcal fazia referência às alegrias de uma justa posteridade. Hoje, emocio-me em ir ao templo com meus seis filhos e seus cônjuges, e realmente encontro alegria e regozijo em minha posteridade.

Existe uma sentença em minha bênção patriarcal, que sempre me intrigou. Diz ela: "Verás grande progresso na obra do Senhor; pois Sião será a cabeça e não o calcanhar." Esta frase me tem ocorrido repetidamente, nos últimos tempos, enquanto todos nós observamos o crescimento e progresso da Igreja do Senhor no mundo inteiro.

Posso afirmar verdadeiramente que minha bênção patriarcal, embora curta, tem sido um guia constante para mim. Vossa bênção patriarcal poderá fazer o mesmo por vós, desde que a leiais com frequência e traceis vosso rumo por ela. Nestes tempos desafiadores, em que enfrentais tentações e pressões para

comprometer vossas crenças, a bênção patriarcal pode ser fonte de grande força que vos instilará fé em um Pai Celestial amoroso e pessoal. □

## BENÇÃOS DENTRO DE BENÇÃOS

**A** bênção patriarcal não é apenas para o futuro. A própria experiência de recebe-la já é uma bênção, a experiência de aprender em primeira mão quão importantes e maravilhosos sois aos olhos do Senhor. Não obstante, podereis ter algumas preocupações.

1. *Não estou certo se tenho idade suficiente ou estou preparado para uma bênção patriarcal.*

Por que não conversar com vossos pais ou o bispo sobre o assunto? Perguntai-lhes se acham que já tendes idade suficiente ou estais preparados.

2. *Meus pais podem falar comigo a respeito de suas bênçãos patriarcais?*

Se vossos pais já receberam suas bênçãos, perguntai-lhes se gostariam de contar-vos partes delas. Provavelmente vereis que sois uma das bênçãos que lhes foram prometidas. Por exemplo, se lhes foi prometida uma posteridade justa, sois importantes elos nessa cadeia.

3. *E se meus pais não forem membros da Igreja ou não me apoiarem nas atividades dela?*

Verificai com vosso bispo ou patriarca. Eles poderão ter sugestões úteis sobre como envolver apropriadamente os pais.

4. *Não me julgo digno de receber a bênção patriarcal.*

Caso vos sintais indignos, tornai-vos dignos. Ordenai vossa vida. Conversai com vossos pais ou bispo, se necessário, mas lembrai-vos também de que todos estamos aprendendo e crescendo. Um dos motivos para se obter a bênção patriarcal é receber orientação e força.

5. *Tenho medo de que o Senhor revele o que espera de mim e então eu serei obrigado a fazê-lo.*

Na verdade, o Senhor já revelou muitas coisas que ele espera de nós: retidão, obediência, compaixão, honestidade. Estes princípios foram ensinados durante toda a vida. E já assumimos compromissos — no batismo, toda vez que tomamos o sacramento, quando recebemos o sacerdócio. Lembremo-nos, a bênção patriarcal é uma expressão pessoal do amor do Senhor por nós. Mais do que outra coisa, ela nos ajuda a entender, pelo Espírito, nosso maravilhoso potencial e algumas das grandes bênçãos que o Senhor nos guardou, se guardarmos os mandamentos. □



FOTO DE STEVE BLUNDERSON

## O PROPÓSITO DA VIDA COMO MULHER SOLTEIRA

**Tenho aprendido que o mais elevado propósito da vida da mulher é ser esposa e mãe. Se for verdade, qual é o propósito ou valor de minha vida como mulher solteira?**

*Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.*



*Mary Ellen Edmunds, diretora associada de treinamento no Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah, e membro da junta geral da Sociedade de Socorro.*

**H**á muitas mulheres SUD não casadas, que têm a mesma preocupação, mas uma perspectiva apropriada pode fazer uma significativa diferença na visão de nosso valor intrínseco, como mulher, e de nosso potencial para progredir e contribuir.

Em Moisés 1:39, o Senhor nos diz que sua obra e glória é “proporcionar a imortalidade e vida eterna ao

homem”. Somos seus filhos espirituais. Nosso valor não resulta de uma circunstância nem de nosso nível particular de obediência e retidão. É parte de nossa herança como filhas de Deus. Nenhuma condição, ação, atitude ou pensamento pode modificar ou diminuir o amor que ele nos tem ou o valor de nossa alma à sua vista ou em seu plano. Nosso merecimento pode mudar devido a nossas escolhas, mas nosso valor é eterno à vista do Pai Celestial, que tudo sabe e ama todos nós.

Como solteira, eu estaria cometendo um grave erro se julgasse o amor do Pai Celestial e seus sentimentos sobre meu valor, com base em meu estado civil ou em ter filhos atualmente. Além do mais, não é verdade que o casamento e os filhos automaticamente trazem felicidade, assim como não é verdade que os que não são casados ou não têm filhos não tenham valor nem propósito. Muitas mulheres com

filhos vêm-se assoberbadas pela vida e não se valorizam, e se sentem sós, cansadas e frustradas.

É lamentável que algumas mulheres SUD solteiras fiquem desanimadas e retraiam-se, percam o amor-próprio e a auto-estima, sintam-se enganadas e desprezadas, e só pensem em si. Isto geralmente leva a muita autocomiseração.

Pode ser difícil para a mulher solteira deixar de erguer muros que a isolem das pessoas. Se dermos ouvidos a Satanás, é fácil criar ressentimentos, porque outros parecem ser mais felizes e ter mais oportunidades do que nós.

É bem melhor sermos o melhor que pudermos, trabalharmos e servirmos com abnegação, e colhermos muitos benefícios e alegrias de cada experiência, todos os dias. A verdade é que todos neste mundo têm algumas coisas que não temos — e nós temos outras que eles não têm. O serviço abnegado contribui muito para vencermos complexos, reclamações, achaques e dores espirituais.

Depois, também, existem coisas que não podemos aprender se passarmos todo o tempo sozinhas. Podemos acomodar-nos demais,

pensando só em nós, pondo todos os nossos desejos e necessidades em primeiro lugar. Por isso, é importante fazer certo esforço para conviver com outros, aprender *com* eles e por meio *deles*. Uma de nossas grandes metas é aprender a conviver numa sociedade unida por amor e respeito.

Parte do propósito da vida é, na verdade, aprender a tratar os outros como nosso Pai o faria, a estimar os outros como a nós mesmas. (Vide D&C 38:24-27.) Provavelmente somos responsáveis pela maneira como elevamos e abençoamos nossos semelhantes, bem como pelo modo como os prejudicamos ou ofendemos. Neste contexto, é importante compreendermos que podemos fazer muita coisa para ajudar pessoas sós—particularmente mulheres—a terem um senso do próprio valor, de pertencer, de contribuir. Sejamos bondosas e gentis quando fazemos generalizações, baseando nossa percepção no que realmente importa na vida.

E o que mais importa? Que amemos a Deus e nossos semelhantes, compartilhando com eles os dons que recebemos do Pai Celestial.

Isto é o que mais agrada a Deus. É importante, em qualquer momento de nossa vida, saber que o que fazemos agrada ao Pai, que estamos envolvidas em atividades que o ajudam a realizar sua obra, e que estamos ajudando a preparar o mundo para a volta do Salvador. Nada pode trazer-nos maior paz.

Contar nossas inúmeras bênçãos, uma por uma, é uma experiência reveladora e santificante. Oh, como deveríamos agradecer, louvar, confiar e servir ao Pai Celestial, que tornou possíveis nossas bênçãos!

A vida é muito mais satisfatória quando nos concentramos em tudo o que temos, em lugar de em tudo que não temos ainda. Temos fé, esperança, caridade. Temos um corpo, a oportunidade de nos arrependermos e mudar, e a possibilidade de nos tornarmos como Deus é. Temos tempo, e arbítrio, e sapatos, e água, e a capacidade de ler, de pensar e orar. Tudo são bênçãos que nos dizem: “Deus te ama. Grande é o valor de tua alma na vista de teu Pai Celestial.”

Temos a promessa de que ele nos reservou dons acima de nossa

compreensão. O Presidente Ezra Taft Benson observou que “nem todas as irmãs da Igreja terão oportunidade de casar-se e ser mãe na mortalidade. Se, porém, vós que vos encontrais nesta situação, fordes dignas e perseverardes até o fim, podeis estar certas de receber todas as bênçãos do bondoso e amoroso Pai Celestial—e repito, *todas as bênçãos*.”

Asseguro-vos que, se tiverdes de esperar até a vida vindoura para serdes abençoadas com um companheiro, Deus certamente vos recompensará. O tempo só conta para o homem. Deus tem em mente vossa perspectiva eterna.” (“As Irmãs Adultas Solteiras da Igreja”, *A Liahona*, janeiro de 1989, p. 103.)

Não permitamos que uma condição particular dite nossa felicidade ou senso de valor. Temos de buscar a fé, a gratidão e a perspectiva para nos sairmos bem em todas as circunstâncias em que nos encontremos. Então chegaremos ao ponto em que confiamos plenamente no Pai Celestial e temos profunda consciência de seu amor e de nosso valor e propósito à vista dele. □

# SEÇÃO INFANTIL.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1991





## HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON

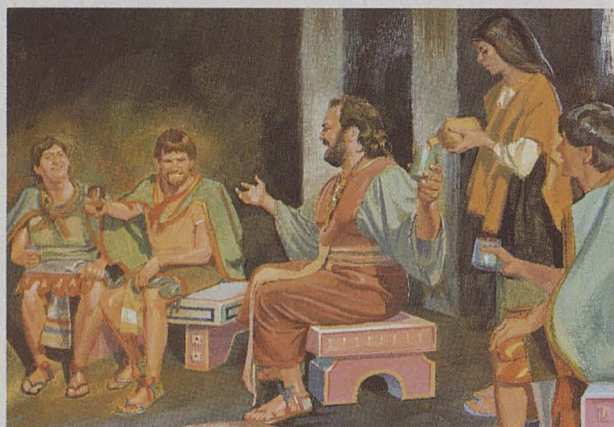


### Abinádi e o Rei Noé



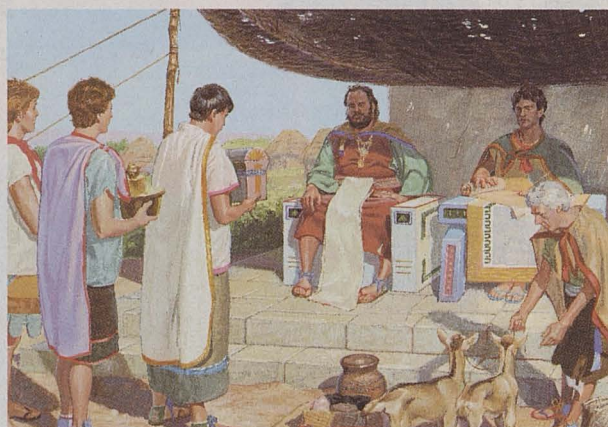
Zeniff era rei de um grupo de nefitas. Quando ficou velho, seu filho Noé tornou-se rei.

Mosiah 11:1



Noé não era um bom rei como seu pai. Era iníquo e não obedecia aos mandamentos de Deus.

Mosiah 11:2



Ele obrigou os nefitas a lhe darem parte de seu ouro e prata. Tinham também de entregar-lhe parte do grão que colhiam e alguns de seus animais.

Mosiah 11:3



O rei Noé era preguiçoso. Queria que os nefitas lhe dessem tudo de que necessitava para viver.

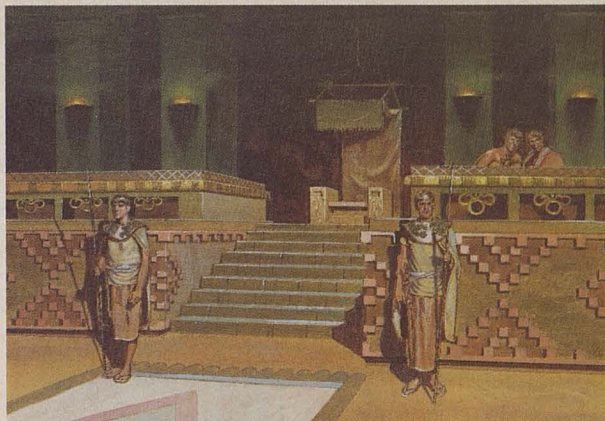
Mosiah 11:4



Ele substituiu os bons sacerdotes chamados por seu pai, Zeniff, por sacerdotes maus, que ensinavam o povo a pecar.

Mosiah 11:5-7

ILUSTRADO POR JERR Y THOMPSON E GARY KAPP



O rei Noé mandou construir muitos belos edifícios, inclusive um grande palácio com um trono. Os edifícios eram enfeitados com madeiras nobres e com ouro, prata e outros metais.  
Mosiah 11:8-11



Ele gostava muito das riquezas que tirava do povo. Ele e seus sacerdotes passavam o tempo tomando vinho e fazendo coisas iníquas.  
Mosiah 11:14-15



Deus enviou um profeta, chamado Abinádi, ao povo de Noé. Abinádi avisou-os de que se não se arrependessem, seriam entregues nas mãos de seus inimigos (como escravos).  
Mosiah 11:20-25



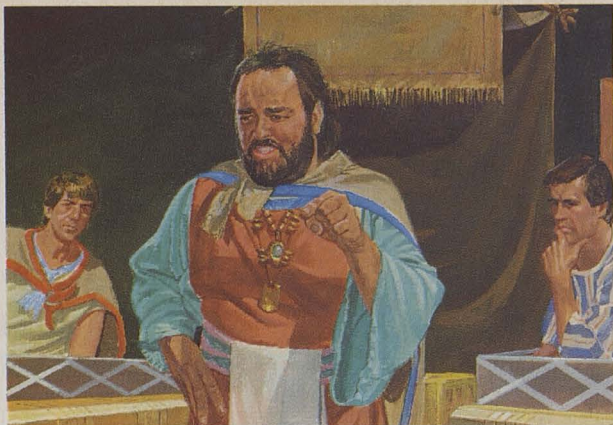
Quando o rei Noé soube o que Abinádi disse, ficou muito zangado. Mandou homens prenderem Abinádi para poder matá-lo.  
Mosiah 11:27-28



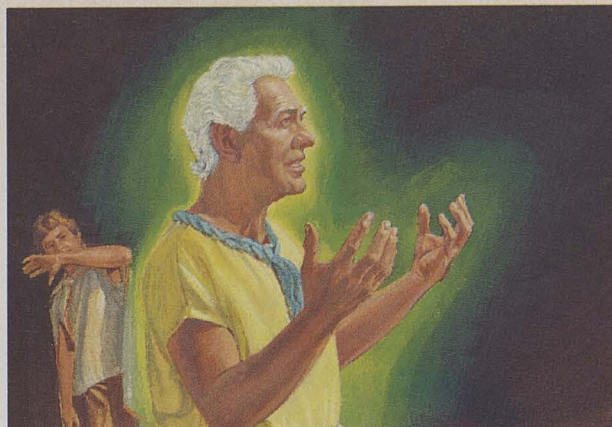
Abinádi foi levado à presença do rei. O rei Noé e seus sacerdotes fizeram-lhe muitas perguntas, procurando fazer com que dissesse algo errado.  
Mosiah 12:17-19



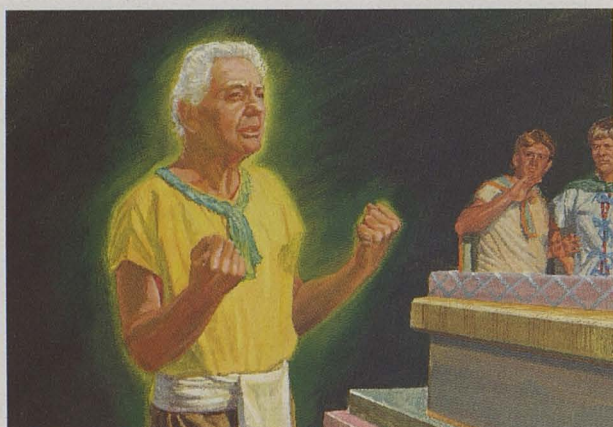
Abinádi não teve medo de responder às perguntas. Sabia que Deus o ajudaria. Os sacerdotes se surpreenderam com as respostas de Abinádi.  
Mosiah 12:19, 29



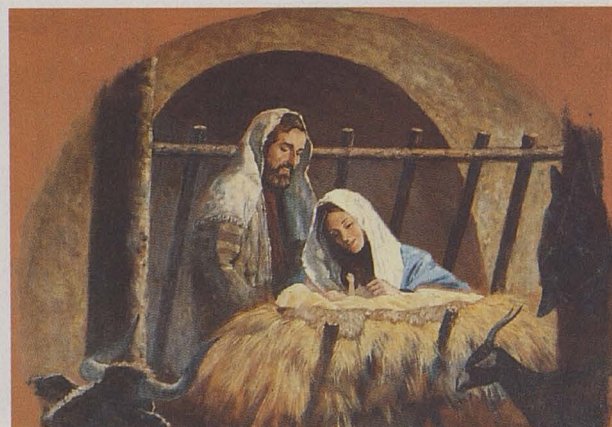
O rei Noé ficou zangado e ordenou aos sacerdotes que matassem Abinádi. Abinádi lhes disse que não tocassem nele, pois Deus os mataria.  
Mosiah 13:1-3.



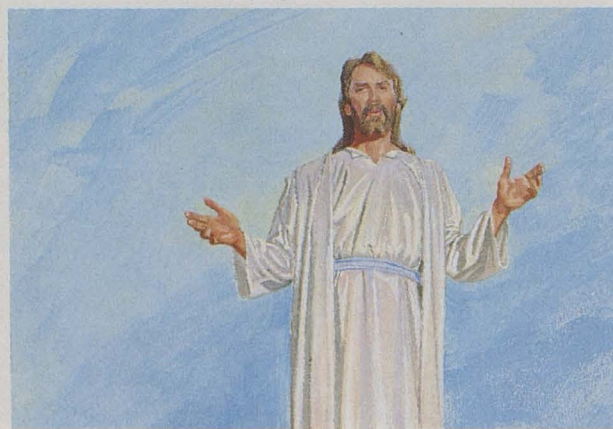
O Espírito Santo protegeu Abinádi, para que pudesse terminar de dizer o que o Senhor queria. O rosto de Abinádi brilhava. Os sacerdotes ficaram com medo de tocá-lo.  
Mosiah 13:2-5



Abinádi falou com poder de Deus. Falou-lhes de sua iniquidade e leu-lhes os mandamentos de Deus.  
Mosiah 13:6-7, 11-24



Disse-lhes que Jesus Cristo haveria de nascer na terra, e faria com que o povo se arrependesse, para ser ressuscitado e viver com Deus.  
Mosiah 13:33-35; 15:21-23



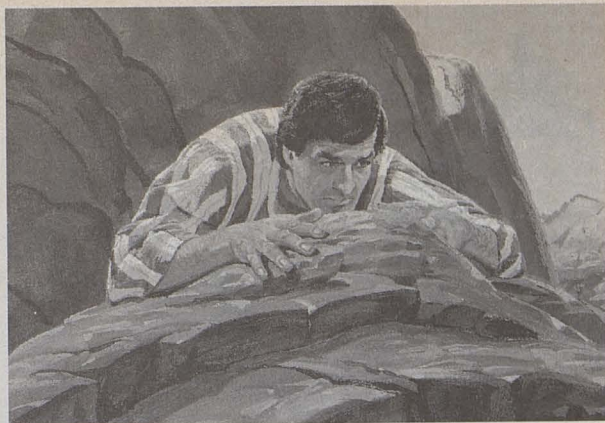
Abinádi disse que precisavam arrepender-se de seus pecados e acreditar em Jesus Cristo, do contrário não seriam salvos.  
Mosiah 16:13



O rei Noé e todos seus sacerdotes, menos um, não quiseram acreditar em Abinádi. Noé mandou os sacerdotes matarem Abinádi. Eles o amarraram e lançaram na prisão.  
Mosiah 17:1



Um dos sacerdotes de Noé acreditou em Abinádi. Seu nome era Alma. Alma pediu ao rei Noé que soltasse Abinádi.  
Mosiah 17:2



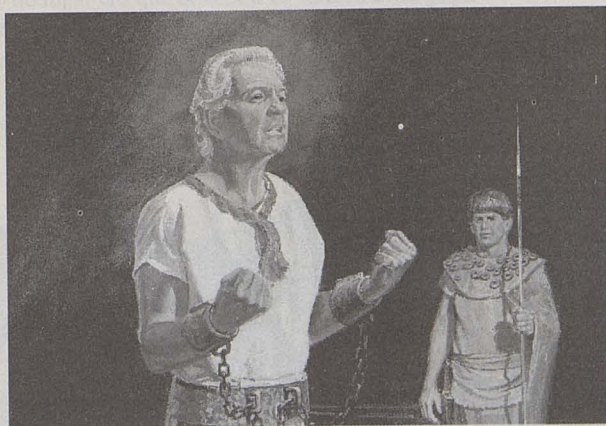
O rei Noé ficou zangado com Alma e mandou expulsá-lo. Depois enviou seus servos para o matarem. Alma foi esconder-se correndo e os servos do rei não o encontraram.  
Mosiah 17:3-4



Depois de três dias, o rei Noé mandou levar Abinádi à sua presença. Disse-lhe que negasse o que havia dito sobre Jesus, que ele nasceria e seria o Salvador.  
Mosiah 17:5-7



O rei Noé disse a Abinádi que, se não negasse tudo o que havia falado, seria morto.  
Mosiah 17:8



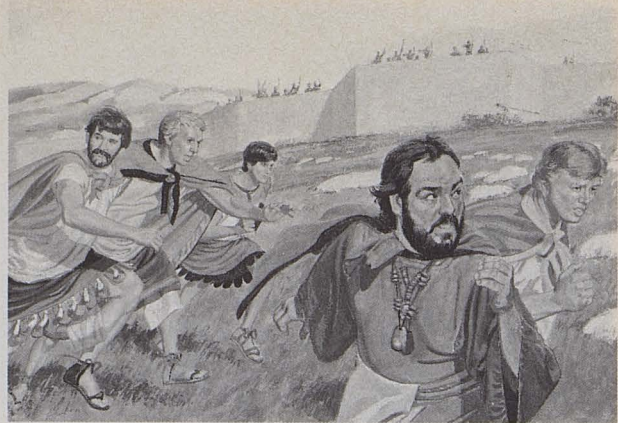
Abinádi sabia que estava falando a verdade acerca de Jesus. Estava disposto a morrer para não negar seu testemunho de Jesus.  
Mosiah 17:9-10



O rei Noé ordenou aos sacerdotes que matassem Abinádi. Eles o amarraram, flagelaram e queimaram até a morte. Antes de morrer, Abinádi disse que o rei Noé também morreria pelo fogo.  
Mosiah 17:11-20



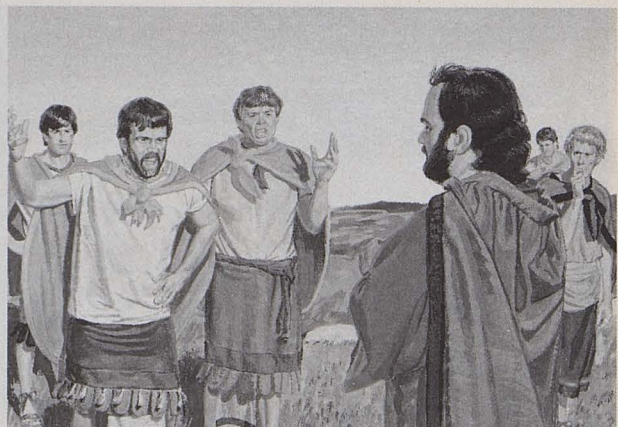
Parte dos nefitas se opôs ao rei. As forças lamanitas também foram combater o rei Noé e seus seguidores.  
Mosiah 19:2-8



Noé e seu povo fugiram. Quando foram alcançados pelos lamanitas e estes começaram a matá-los, Noé mandou que os homens fugissem, deixando mulheres e crianças para trás.  
Mosiah 19:9-11



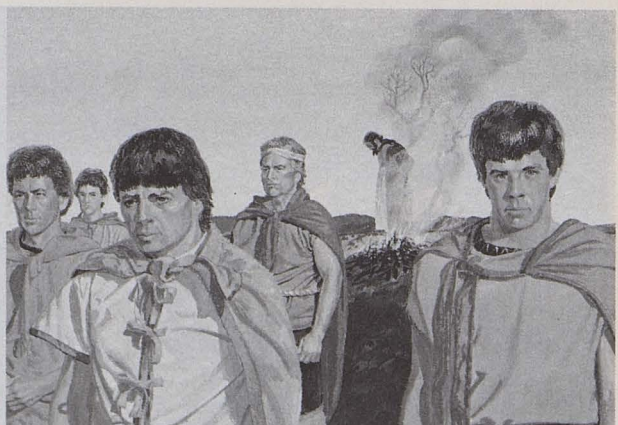
Muitos dos homens não quiseram abandonar as mulheres e filhos, e foram capturados pelos lamanitas.  
Mosiah 19:12-15



Alguns homens que fugiram com o rei Noé sentiram ter abandonado as mulheres e filhos. Queriam voltar e ajudar seus familiares.  
Mosiah 19:18-19



O rei Noé não queria que os homens voltassem. Mandou que ficassem com ele.  
Mosiah 19:20



Os homens do rei Noé ficaram zangados com ele e queimaram-no até a morte. Depois voltaram para junto de suas famílias. As palavras de Abinádi se cumpriram.  
Mosiah 19:20-24

## CAPITAIS À MARGEM DE RIOS

Juliana Lewis

A primeira coluna cita as capitais de diversos países. A segunda diz os rios em cujas margens se situam. "Case" cada cidade com seu rio, depois cite o nome do respectivo país.

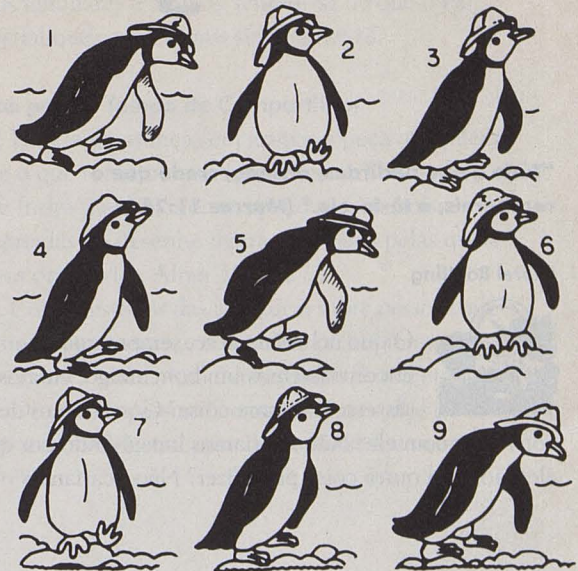
- |                    |            |
|--------------------|------------|
| 1. Paris           | a. Han     |
| 2. Londres         | b. Tibre   |
| 3. Ottawa          | c. Nilo    |
| 4. Seul            | d. Sena    |
| 5. Washington D.C. | e. Tâmisia |
| 6. Cairo           | f. Danúbio |
| 7. Roma            | g. Ottawa  |
| 8. Viena           | h. Potomac |

Respostas: (1) d-França, (2) e-Inglaterra, (3) g-Canadá, (4) a-Coreia do Sul, (5) h-Estados Unidos, (6) c-Egito, (7) b-Itália, (8) f-Austria.

## TODOS ELES PESCADORES

Roberta L. Fairall

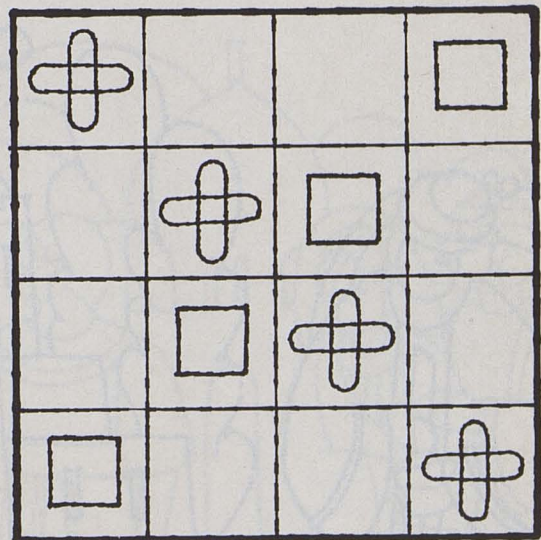
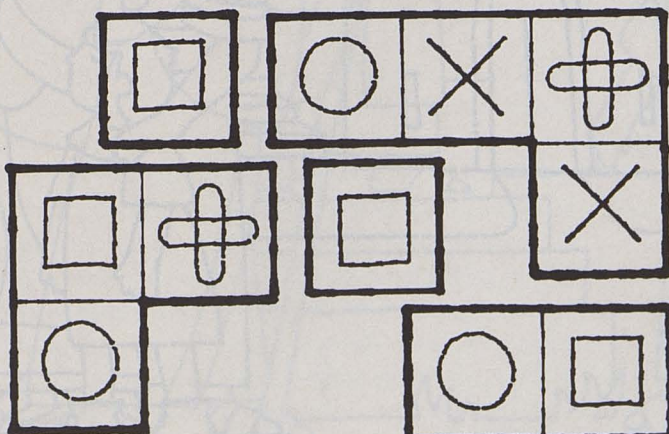
Estes pingüins vão pescar seu almoço. Encontre os dois exatamente iguais.



## QUEBRA-CABEÇAS LÓGICO

Cole esta parte da página sobre cartolina, depois recorte o tabuleiro e as peças. (Corte só ao longo das linhas grossas.) O objetivo da brincadeira é colocar as peças no tabuleiro de tal maneira, que nenhum símbolo se repita horizontal ou verticalmente. Para ajudá-lo, os símbolos do tabuleiro estão no lugar em que devem ir os símbolos das peças.

Peças do Jogo



Tabuleiro

# Oração Sincera

**"Tudo o que pedirdes, orando, crede que o  
recebereis, e tê-lo-eis." (Marcos 11:24.)**

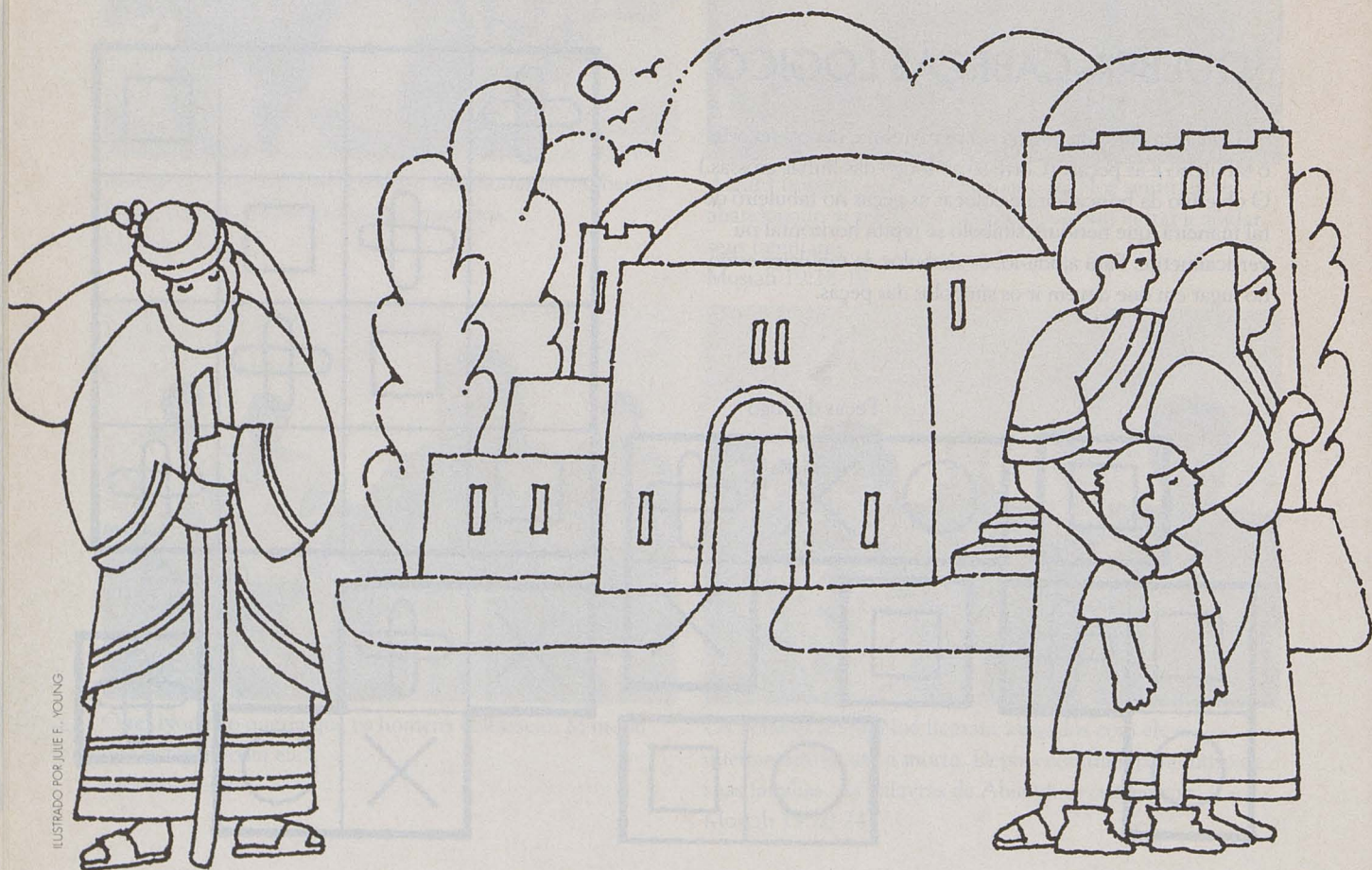
Laurel Rohlifing



O que acharíamos se, sempre que encontrássemos um bom amigo, ele nos dissesse a mesma coisa? Gostaríamos de conversar com ele? Não ficaríamos imaginando por que ele não teria outra coisa para dizer? Não ficaríamos

pensando se realmente era nosso amigo?

O Pai Celestial é nosso amigo. Quando oramos, lembremo-nos de que estamos falando diretamente com ele. E ele nos escuta tão atentamente como se estivéssemos no mesmo quarto. Ele quer que oremos com atenção e sinceridade, dizendo as coisas importantes que estamos pensando e sentindo. Se usarmos sempre as mesmas palavras e frases, toda vez que orarmos, poderemos não estar pensando no que dizemos e a oração parecerá insincera.



ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

Quando Alma cumpriu missão entre os zoramitas, ficou abismado ao ver que a oração deles era insincera. O povo havia construído um lugar alto, onde cabia uma só pessoa, no meio da sinagoga. Eles o chamavam de Rameumptom ou púlpito sagrado. As pessoas se revezavam nesse púlpito, recitando uma oração presunçosa. Quando uma pessoa terminava, a próxima subia ao púlpito e proferia exatamente a mesma oração, até que todos terminavam. Depois voltavam para casa e não falavam mais de Deus até a semana seguinte. Alma sabia que essa gente não pensava realmente no que estava dizendo ao Pai Celestial. Oravam apenas para serem ouvidos pelos outros. Sentiu pena deles, porque suas orações não os ajudavam a tornar-se pessoas melhores. Alma tentou fazer com que compreendessem o que o Pai Celestial esperava deles. (Vide Alma 31:12-23.)

Quando oramos sincera e reverentemente, o Pai Celestial responde às nossas orações. Nossa fé se fortalece e cresce nosso testemunho.

#### Instruções

Estas figuras o ajudarão a contar a história de Alma, dos zoramitas e do Rameumptom. Pinte as figuras, cole-as sobre cartolina e recorte-as. Quando contar a história a seus familiares e amigos, lembre-se de que o Pai Celestial quer que oremos sinceramente.

#### Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Divida as crianças em grupos e peça que falem sobre o que torna uma oração sincera. Elas poderão falar sobre frases que são muito repetidas. Cite coisas apropriadas ou desenhe figuras de coisas pelas quais podem orar. (Vide Alma 34:18-27.)

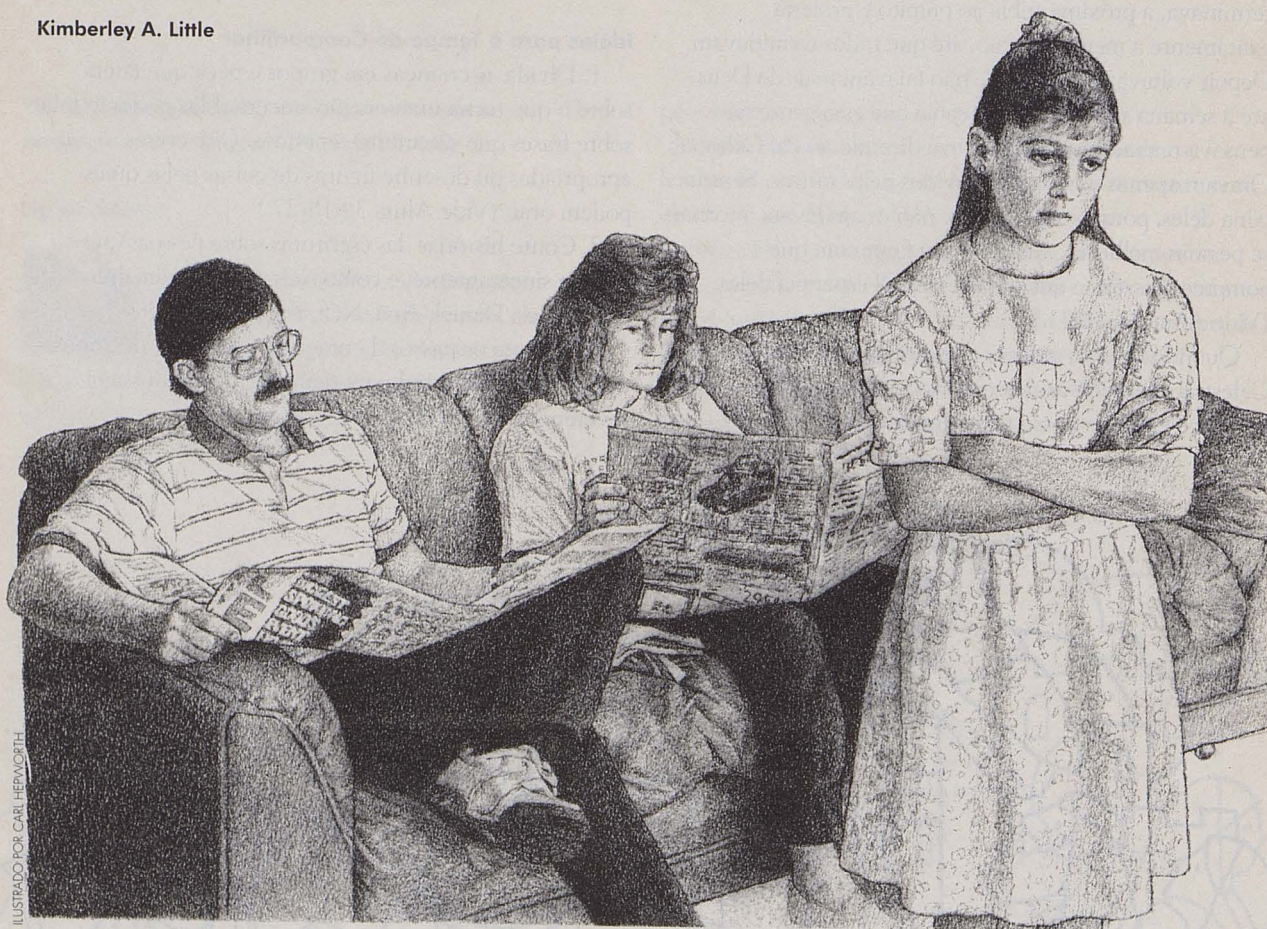
2. Conte histórias das escrituras sobre pessoas que oraram sinceramente, e como suas preces foram atendidas, como Enos, Daniel, Ana, Néfi, Joseph Smith etc.

3. Discuta os passos da oração e como nos devemos dirigir ao Pai Celestial para demonstrar-lhe nossa reverência. □



# A F A M Í L I A

Kimberley A. Little



ILUSTRADO POR CARL HERWORTH

**A** irmã Campos estacionou o carro na entrada, deixando o motor funcionando. Maria apressou-se em calçar os sapatos de domingo e correu para a porta da frente.

Então parou de repente. Suas escrituras não estavam na mesinha perto da porta. “Onde estão minhas escrituras?” perguntou à mãe, que estava sentada na sala.

“Não sei. Sinto muito, querida.”

“Elas estavam bem aqui”, insistiu Maria. “Alguém deve ter tirado.”

“Acho que terá de procurá-las mais tarde.”

Maria abriu a porta e correu para o carro que a

esperava, reclamando baixinho: “Provavelmente foi o José que apanhou minhas escrituras.”

O pequeno José, de três anos, gostava de mexer nas coisas da irmã. Seus cadernos, livros de escola e equipamento de beisebol estavam sempre desaparecendo. Mais tarde geralmente os encontrava nos lugares mais improváveis. Certa vez, suas joelheiras foram parar no refrigerador. José as pusera na gaveta dos legumes. Às vezes era engraçado.

Hoje não. Nunca aos domingos. Apesar de sua professora de Valorosos A apanhá-la todas as semanas para as reuniões, Maria se sentia como se estivesse só. Ela era a

# A T E R R E N A

única criança da ala cuja família não ia a igreja com ela.

Nos sábados à noite ela acertava o despertador para as sete da manhã. Assim que tocava, ela saía da cama, tomava banho quietinha e preparava seu desjejum. Todos ainda estavam dormindo, embora vez por outra José aparecesse na cozinha, ainda de pijama, e comesse uma tigela de cereal com ela.

Na hora de sair, os pais costumavam estar na sala de estar lendo o jornal, com suas folhas espalhadas pelo sofá. Mais tarde iam jogar tênis. Maria conseguia vê-los mentalmente, atirando a bola de lá para cá por sobre a rede, rindo e divertindo-se na fresca manhã de outono. José ficava correndo atrás das bolas perdidas, muito contente.

Seus pais não a impediam de ir às reuniões, mas também nunca iam com ela. Quase sempre Maria procurava não se importar com isso, mas às vezes doía.

A mãe e o pai apareceram na capela só uma vez — por ocasião do seu batismo. Maria teimara em ser batizada e ficara profundamente desapontada ao ver que não era o pai quem a batizaria. E depois, seus pais saíram sem conversar com as outras pessoas da ala, que assistiram ao batismo.

A irmã Campos sempre recomendava a Maria que desse mais tempo aos pais para se integrarem com os membros da ala. Um dia eles recuperariam seu testemunho da veracidade do evangelho e voltariam para a igreja.

Certo domingo, a irmã Campos dera uma aula sobre o bispo e a família da ala. O bispo era como que o pai da ala, dissera. Estava ali para ajudar os membros da ala — e aconselhá-los, exatamente como faz o pai. Os membros eram como irmãos e irmãs e poderiam ser uma grande família feliz.

Pensar nisso ajudara durante algum tempo, mas quando olhava ao redor e via todas as famílias sentadas juntas, Maria voltava a ficar triste. Simplesmente não era



o mesmo ficar sentada com a família da irmã Campos, na reunião sacramental.

Hoje, no final da Primária, a presidente, irmã Moraes, distribuiu as designações para a apresentação da Primária na reunião sacramental. Deu um papel dobrado a Maria e sorriu para ela. O papel dizia: "Seu tema é: 'Por me amarem, o Pai Celestial e Jesus me deram uma família terrena especial.' Dê duas ou três razões pelas quais sua família é especial para você."

Maria leu o bilhete duas vezes, a caminho de casa. Ela se sentia como se tivesse levado um soco no estômago. *Por que a irmã Moraes me daria um discurso sobre a família? Não posso cumprir esta designação. Ela não sabe como me sinto? Minha família é completamente inativa. Ela nem gosta da igreja! Não é justo!*

Chegando em casa, Maria murmurou um "até logo" para a irmã Campos, bateu a porta do carro e entrou correndo. A casa inteira tremeu, quando ela bateu a porta da frente.

"O que aconteceu, querida?" indagou a mãe. Usando ainda as roupas de tênis, estava guardando as raquetes e bolas no armário.

"Nada." Maria encaminhou-se para seu quarto, mas depois parou, olhando para a mãe. "Tenho uma parte na apresentação da Primária na reunião sacramental. Vou ter que falar do púlpito, como o bispo."

"Que bom."

"É daqui a três semanas. A senhora, meu pai e José irão ouvir-me falar?"

"Não sei", respondeu a mãe. "Veremos", acrescentou sorrindo e foi para a cozinha preparar o almoço.

Foi o que a mãe dissera no ano anterior, quando Maria participara do programa do Livro de Mórmon, mas ninguém apareceu.

Maria esteve a ponto de amassar o bilhete e jogá-lo no lixo. Lembrou-se do ano passado, quando contara como Néfi construiu o barco. Néfi acreditou que o Senhor o

ajudaria e orou pedindo orientação para construir o navio, para que ele e a família cruzassem o oceano. Bem, era o que ela devia fazer. Assim como Néfi, ela oraria por ajuda e o Senhor a atenderia.

Subitamente Maria sentiu-se bem e em paz e soube que o Santo Espírito estava com ela, exatamente como lhe fora prometido.

Durante as três semanas seguintes, enquanto preparava e ensaiava o discurso, Maria começou a notar as muitas coisas que os pais faziam por ela e o quanto ela era amada.

A mãe preparava-lhe os pratos favoritos, ajudava nos projetos de ciência e nunca deixava de abraçá-la, quando chegava em casa da escola. O pai jogava bola com ela e, na hora de dormir, contava-lhe histórias maravilhosas. Era sempre uma horinha gostosa, só dos dois. Mesmo que o José às vezes fosse uma peste, ela estava feliz por tê-lo como irmão. Os dois cantavam músicas engraçadas e riam juntos, liam livros e brincavam no parque.

Ao chegar o dia do programa, a irmã Campos foi buscá-la e ela sentou-se em seu lugar designado perto do púlpito.

Quando as crianças da Primária cantaram "Sou um Filho de Deus" e "no Céu eu Vivi", Maria sentiu-se integrada na família da ala e lembrou-se de quanto era amada pelo Pai Celestial. Tinha três famílias maravilhosas: uma família celestial, a família da ala e uma família terrena!

Quando chegou a vez de Maria ocupar o microfone, a irmã Campos deu-lhe um sorriso encorajador. E quando ela começou a falar dizendo: "Por me amarem, o Pai Celestial e Jesus me deram uma família terrena especial", Maria sentiu-se contente por a irmã Moraes lhe ter dado esse tema. Já não estava magoada ou triste por ter de ir às reuniões sozinha. Ainda que não a acompanhasse à Igreja, ela realmente tinha uma família terrena especial.

Nisso abriu-se a porta dos fundos da capela. O

coração de Maria disparou, quando viu os pais e José entrarem quietinhos na capela e procurarem um lugar para sentar. Sorriram-lhe e ela não pôde evitar de corresponder com um sorriso rasgado. Ela

começou de novo seu discurso: "Por me amarem, o Pai Celestial e Jesus me deram uma família terrena especial." E ela sabia que era verdade. □





# JOSHUA DENNIS

## UM TESOURO DE FÉ

Shannon W. Ostler

Era a vez de Joshua, de dez anos, dar aula na noite familiar. Era sobre a fé. Quando terminou, ele disse aos familiares: "Se tiverem fé, podem fazer qualquer coisa."

A mãe replicou: "Bem, quase qualquer coisa."

"Não, mãe", disse Joshua, "qualquer coisa *mesmo*."

Mal sabia a família Dennis que em poucos dias sua fé seria posta à prova. Na sexta-feira, 22 de setembro de 1989, Joshua foi com o pai e outros líderes e membros de uma tropa de escoteiros de Kearns, Utah, explorar uma mina abandonada.

Depois de olharem o interior da mina por algum tempo, Joshua e alguns dos escoteiros decidiram voltar. Encontraram o pai de Joshua e outros escoteiros saindo da mina, e Joshua entregou sua lanterna de pilha ao pai, que estava deixando o túnel, acompanhando um rapaz deficiente visual.

Então Joshua resolveu entrar novamente, seguindo alguns rapazes mais velhos, mas eles não sabiam que Joshua estava atrás, e começaram a correr. Joshua não pôde acompanhá-los e logo ficou para trás, em total



**Esquerda: Joshua segura uma das muitas fitas amarelas que os amigos haviam amarrado em caixas de correio e cercas, durante a busca. As fitas simbolizavam a esperança de seu breve regresso.**

**Acima: Joshua com um dos cães que ajudaram na busca.**

escuridão. Não conseguia nem enxergar a mão diante do rosto.

Ele virou-se e tentou encontrar, tasteando o caminho de volta para a entrada, mas tomou um atalho errado e caiu por uma rampa. Ele subiu de novo, mas foi longe demais, e acabou numa cavidade de onde haviam extraído todo minério, e que tinha dois metros de largura por sete de profundidade. A cavidade era praticamente invisível lá de baixo, do túnel principal, por causa das rochas.

"Por muito tempo tentei encontrar a saída", lembra Joshua. Ele gritou,

mas seus gritos foram abafados pela cavidade, e ninguém o ouviu. A essa altura ele já estava cansado, com frio e os pés molhados. "Sabia que estava perdido e dei-me conta de que o melhor era ficar sentado e esperar."

Joshua dormiu muito. De vez em quando ele se levantava e espreguiçava, ou ficava sentado, pensando. Joshua ficou cinco dias sem comida nem água, e tinha só seu agasalho para aquecê-lo numa temperatura de 10º C.

Ele não teve medo. "Orei bastante por ajuda do Pai Celestial", diz, e suas orações foram respondidas com a

sensação de conforto e fé. Sabia que seria encontrado. “Sentia que o Pai Celestial estava velando por mim.”

Enquanto Joshua orava, amigos e familiares também jejuavam e oravam por ele, para que fosse encontrado em segurança. Seus pais aguardavam aflitos os relatórios sobre a busca do filho.

Muitos voluntários ajudaram a vasculhar os sopés de montanhas da região, cheias de minas abandonadas e passagens de ar. Pelo menos sete vezes, alguns deles passaram a quarenta e cinco metros de Joshua.

Quanto mais se prolongava a busca, tanto maior certeza de muita gente de que Joshua não se encontrava na mina, mas se afastara dela. Cães treinados, helicópteros e pessoas a cavalo e a pé vasculharam as rochas e montes do Dry Canyon, que ficava não muito longe. Não havia sinal do menino.

Dentro da mina, Joshua esperava calmamente que alguém o encontrasse. Para ajudar a passar o tempo, ele cantava “Sou um Filho de Deus” e outras músicas que aprendera na Primária.

As possibilidades de encontrarem Joshua vivo iam diminuindo com o passar dos dias, mas os membros da equipe de resgate estavam decididos a não desistir.

Quando o grupo de busca saía da mina, após mais uma tentativa, na tarde do quinto dia, John Skinner, um membro da Igreja, persuadiu o chefe a deixá-lo entrar com alguns companheiros, para uma tentativa final. “Simplesmente tinha a sensação de que ele ainda estava dentro da mina e vivo.”

John Skinner havia explorado a mina Hidden Treasure cento e vinte vezes, e estava muito familiarizado com dezenas de passagens que serpenteiam por seus oito níveis. Conseguia visualizar pelo menos três lugares em que Joshua poderia estar. Um deles era a cavidade de minério.

Enquanto os outros homens davam outra busca pela mina, ele, Ray Guymon e Gary Christensen se separaram do grupo, e John Skinner os conduziu aos lugares onde achava que o menino poderia estar. Quando chegaram à tal cavidade, ouviram um débil pedido de socorro, mas não tinham certeza de onde vinha. Ficaram quietos até

ouvi-lo novamente. A excitação aumentou quando eles e Joshua continuaram gritando, procurando encontrar-se na escuridão.

“Meu coração simplesmente disparou”, lembra Gary Christensen, o primeiro a chegar a Joshua. “Envolvi-o com meus braços e ele me envolveu com os seus.” “Senti-me como se fôssemos guiados pelo Senhor”, diz Ray Guymon.

Os três homens disseram que é muito difícil descrever o que sentiram ao encontrarem Joshua, a quem nunca haviam visto antes.

“Senti como se fosse meu filho”, disse Gary Christensen. “Fiquei realmente feliz.”

“Foi um sentimento muito forte, quando o encontramos”, diz John Skinner.

Quando tiraram Joshua da mina, houve lágrimas de alegria e alívio no rosto de muitos. Joshua, apesar de excitado, permaneceu calmo — não duvidara de que seria encontrado.

Por não haver claridade dentro da mina, Joshua perdera a noção do tempo. Ficou surpreso quando soube que estivera perdido por tantos dias. Desidratado por ter ficado tanto tempo sem água, e sofrendo de um leve congelamento nos pés, foi levado de helicóptero para o hospital, onde descansou e foi examinado pelos médicos.

A princípio os médicos acharam que teriam de amputar o artelho menor, mas tudo que perdeu foi a pele dos pés. Teve que andar de cadeira de rodas por uma semana. A fisioterapia fortaleceu-lhe os músculos da perna e do pé, e não demorou muito ele estava andando, correndo e até andando de skate.

Joshua recebeu mais de mil cartas, muitas de outros escolares que queriam saber mais sobre ele e sua experiência. Enquanto esteve perdido, os alunos da Escola Primária Fox Hills, onde ele estuda, amarraram fitas amarelas na cerca, em volta da escola, para mostrar que pensavam nele e esperavam seu breve regresso. Realmente Joshua se animou ao saber que tantas pessoas se importavam com ele. Ele diz a todos: “O Pai Celestial responde mesmo às nossas orações. Tenham fé e não desistam.” □

## Caridade: Um Ministério de Abnegação

**A** caridade nunca falha.” (Morôni 7:46.) Talvez não compreendemos plenamente o sentido desta escritura ou como ela se aplica à nossa vida, mas podemos obter um testemunho de sua veracidade, quando sentimos a alegria de servir ao próximo.



### O PURO AMOR DE CRISTO

A caridade é um princípio fundamental na vida das irmãs de toda parte, seja qual for sua condição. Ela nos motiva a servir em ocasiões inconvenientes, sem pensar em recompensa.

Mórmon nos diz que a “caridade é o puro amor de Cristo”. (Morôni 7:47.) Diariamente temos oportunidades de demonstrar esse tipo de amor.

Julia Mavimbela, por exemplo, mostra caridade no serviço comunitário em Soweto, um arrabalde de Johannesburgo, África do Sul. Ela trabalha para eliminar o analfabetismo e outros problemas sociais de seu povo. Além de colaborar com líderes nacionais e comunitários, ela começou a praticar jardinagem com crianças cujos pais estão desempregados por problemas políticos. Essas crianças começaram a mostrar aos pais seus conhecimentos de jardinagem, o que levou a muitas novas

hortas familiares. Quando outros nos viram cultivar hortas, também se envolveram. Julia não só ajudou a aliviar problemas materiais, mas também atendeu às necessidades sociais e espirituais de membros da comunidade.

*Como podemos desenvolver essa espécie de amor que nos motiva a servir à maneira de Cristo?*

### MINISTRANDO DE FORMA COMUM

As oportunidades de servir geralmente surgem de maneira aparentemente insignificantes. No mundo inteiro, mulheres ministram abnegadamente, como professoras visitantes. Elas atuam como instrumento nas mãos do Senhor, quando demonstram amor, incentivam, ensinam e fortalecem outras mulheres — muitas vezes com sacrifício pessoal considerável. As mães labutam firmemente, dia após dia, amando, ensinando e educando

seus filhos. Irmãs são muitas vezes chamadas a ensinar e instruir filhos alheios, em classes e atividades.

Mulheres caridosas ouvem as que estão desanimadas e deprimidas. Elas ajudam as irmãs (vide Mateus 25:40) sem julgar ou criticar. Procuram socorrer os “fracos, (erguer) as mãos que pendem e (fortalecer) os joelhos enfraquecidos”. (D&C 81:5.)

*Quais são algumas formas simples e comuns de exercer caridade?*

### OCUPAR-SE ZELOSAMENTE

Exercer caridade significa não precisar receber um pedido. As mulheres podem “se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem; Pois (nelas) está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros.” (D&C 58:27-28; grifo nosso.) O exemplo do Salvador, de cuidar do indivíduo mostra-nos como podemos demonstrar bondade além do que é esperado.

Se servirmos com compaixão cristã, as bênçãos do Senhor acompanharão nossos esforços. E, “quando ele aparecer (seremos) semelhantes a ele”, porque teremos aprendido a amar como ele ama. (Morôni 7:48.)

*Em que sentido podemos crescer, exercendo caridade?* □

## COMO LIDAR COM O ESTRESSE E O DESÂNIMO

**F**omos convidados para um elegante banquete, onde será servida uma suntuosa refeição de diversos pratos.

Ao sentar-nos, somos informados de que dispomos de apenas três minutos para consumir a refeição. Provavelmente sentiremos que o que poderia ter sido uma experiência agradável, transformou-se num pesadelo.

Por mais improvável que esta cena possa ser, serve para ilustrar a fonte de muitos tipos de estresse. Uma mesa elegantemente arrumada, com pratos igualmente apetitosos, simplesmente precisa de mais de três minutos para ser plenamente apreciada. Assim, quando circunstâncias exigem mais de nós do que sentimos poder dar, podemos sentir-nos assoberbados.

Para alguns de nós, tal sentimento poderá surgir por termos uma casa cheia de filhos em crescimento, cada qual exigindo tempo e atenção. Talvez nos tenhamos envolvido em atividades demais, não dando conta de todas elas, como gostaríamos. Membros da família podem ter prazos a cumprir, o que cria pressão sobre nós; ou talvez tenhamos problemas de saúde que nos estejam deixando irritadiços, impacientes e cansados.

A lista é interminável. Alguns entendidos costumam classificar

atividades estressantes pela porção de estresse que produzem, mas a verdade é que é mais *nossa* maneira de reagir aos eventos, do que eles propriamente ditos, que causa estresse. É a capacidade de ajustamento a mudanças de condições que determina o grau de estresse que sentimos. É por esta razão que o que é estressante para uma pessoa, não o é, necessariamente, para outra.

Surpreendentemente, um pouco de pressão pode ser bom para nós. Conforme Léhi explica, a oposição é essencial para o crescimento pessoal. (Vide 2 Néfi 2:11-16.) As pesquisas mostram que as pessoas que encaram a pressão com coragem, por exemplo, olharão um acontecimento potencialmente difícil como um desafio, em lugar de uma coisa assustadora. Mesmo trabalhar sessenta horas semanais num projeto pode ser estimulante e emocionante, enquanto estivermos comprometidos com ele. Como lidamos com o estresse, portanto, é mais importante do que sua causa, mas é benéfico identificarmos as causas do estresse, para podermos lidar com ele.

### ESTRESSE E TENSÃO

Qualquer engenheiro nos explicará que a pressão é parte essencial de uma estrutura, mas o excesso de pressão pode danificá-la.

Igualmente, uma vez que a pressão normal da vida sobe a certo nível, já não serve mais a um propósito produtivo e enfrentamos eventuais danos emocionais e físicos.

Um excesso de tensão poderá ocorrer quando os pais exigem perfeição de si próprios e no desempenho e realizações de seus filhos. A verdade é que poucos alcançam perfeição nesta vida. Para muitos de nós, o melhor que podemos esperar é um progresso constante rumo à meta que o Pai Celestial nos traçou.

Diz o Élder Neal A. Maxwell: "Quando em situações de estresse imaginamos se teremos mais alguma coisa para dar, poderá ser um conforto saber que Deus, que conhece perfeitamente nossa capacidade, nos enviou para cá para termos sucesso. Ninguém foi preordenado para falhar ou ser iníquo. Quando formos pesados na balança e considerados em falta, lembremo-nos de que fomos medidos antes, e considerados à altura de nossas tarefas; e, portanto, continuemos, mas com a determinação de sermos melhores discípulos. Quando nos sentirmos assoberbados, lembremo-nos de que Deus não exigirá de nós, mais do que podemos dar; ele não nos imporá mais do que podemos suportar. (D&C 50:40.)" ("Meeting the Challenges of Today", em *Devotional Speeches of the Year*, Provo: Brigham

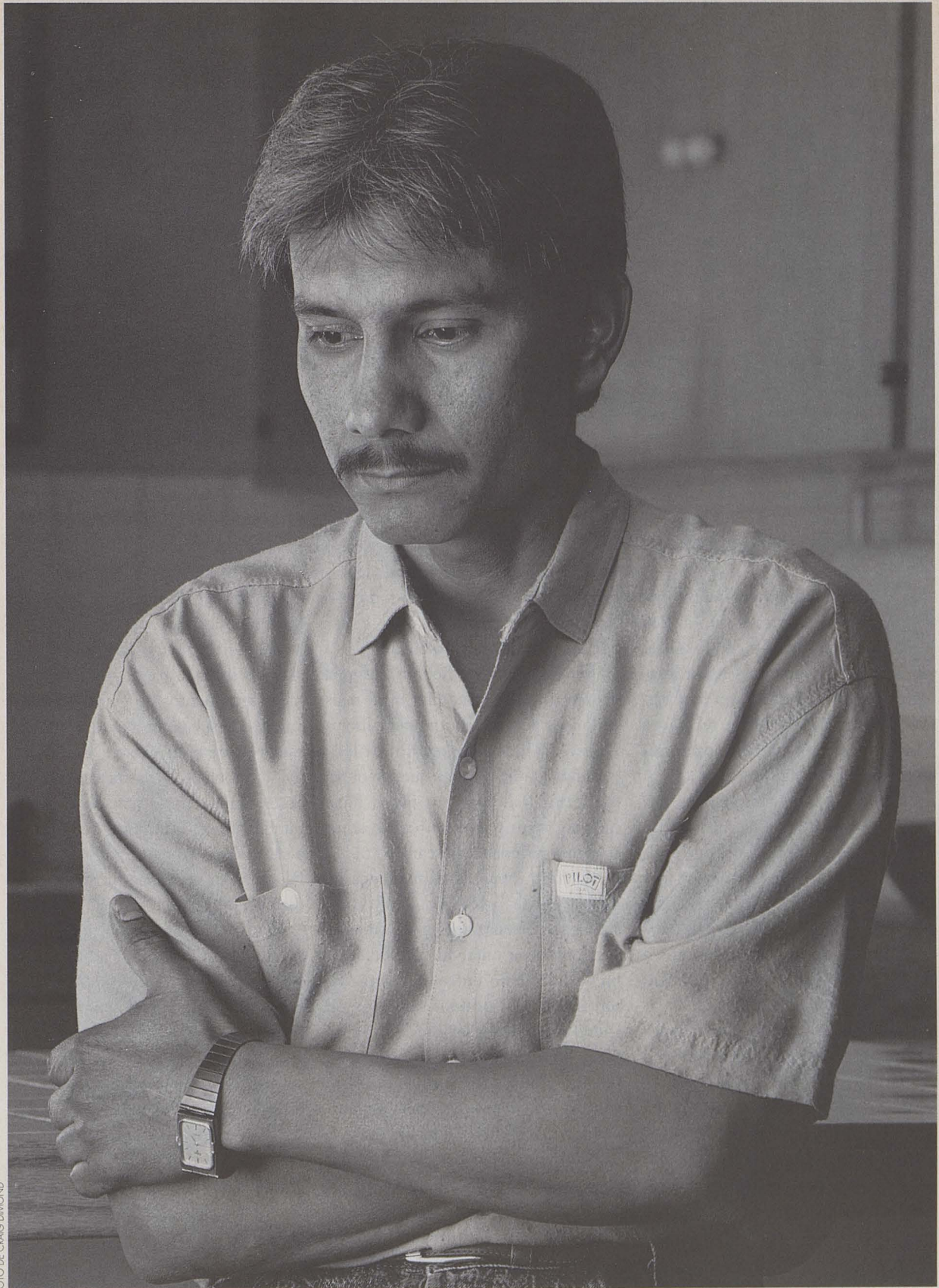


FOTO DE CRAIG DIMOND

Young University, 1978, p. 156.)

Às vezes, a melhor maneira de lidar com o estresse é simplesmente ser realista quanto ao que esperamos de nós mesmos e dos outros. Talvez estejamos tentando fazer muito mais do que podemos, no momento. Muitas vezes, ficamos irritados por não sermos perfeitos em tudo que tentamos fazer. A perfeição é nossa última esperança, mas no meio-tempo, devemos ser realistas e bondosos nas expectativas com respeito a nós mesmos e aos outros.

#### COMO LIDAR COM O ESTRESSE

Ser realista é um meio importante de lidar com as tensões que a vida nos impõe, mas existem ainda outras maneiras. Algumas das sugestões a seguir poderão ajudar-nos a lembrar-nos do que funciona, em relação a nós mesmos. Compartilhemos nossas idéias com a família.

*Manter-se Espiritualmente em Forma.* A oração e o estudo diário das escrituras nos permitem conservar abastecidos nossos reservatórios de fé, esperança e paz mental. Isto não só nos dá força espiritual, mas pode ajudar-nos a encontrar respostas para problemas particulares.

*Livrar-se de Dívidas.* Uma causa comum de conflito familiar é a tensão financeira. Os líderes da Igreja vêm recomendando consistentemente que orcemos nosso dinheiro e não incorramos em dívidas. Se gastarmos menos do que ganhamos, isto por si só reduzirá grande parte da tensão financeira a que muitos estão expostos.

*Conservar-se Fisicamente em*

*Forma.* Para superar o estresse, nosso corpo precisa de descanso, exercício e uma alimentação equilibrada. Participar de um esporte que apreciemos é também uma excelente maneira de relaxar.

*Estabelecer Prioridades e Metas.* Se não conseguimos realizar tudo que gostaríamos, estabelecer prioridades nos permitirá fazer o que for mais importante. Precisamos estabelecer metas como indivíduos e famílias — metas diárias, semanais, mensais e de longo alcance — e planejar como alcançá-las, se quisermos progredir. O planejamento dá orientação e energia aos nossos esforços, e ajuda-nos a evitar crises resultantes da não previsão de necessidades e esquecimento de responsabilidades.

*Mudar Hábitos e Rotinas.* Alguns acham que levantar uma hora mais cedo lhes permite controlar melhor a vida e dá-lhes tempo ininterrupto para fazer muitas coisas que, de outra maneira, ficariam por fazer. Para outros, alguns momentos de sono trazem o necessário descanso.

*Mudar o Ritmo.* Uma mudança de ritmo pode proporcionar uma sensação de renovação e serenidade, para enfrentar uma vida agitada. Um breve interlúdio entre as belezas da natureza, uns poucos minutos de calma meditação, ler um bom livro, fazer qualquer coisa que nos dê prazer (inclusive nada) por um tempo — tudo isso pode ajudar, quando a pressão se intensifica.

*Falar sobre as Frustrações.* Ventilar seus problemas com pessoas da família não só alivia a tensão, mas também leva a família a tentar encontrar uma solução para o problema. Escrever no diário não só

nos dá uma melhor visão, mas ajuda a aliviar tensões e lidar com as pressões do dia-a-dia. Os pais deverão ajudar os filhos a reconhecerem o valor de anotar o que sentem num diário ou caderno de anotações pessoais.

A mãe de uma família numerosa nos confidencia: “Meus cadernos de anotação e diários são inestimáveis. Certas pessoas se dispõem a pagar conselheiros profissionais para ouvirem o que lhes vai no coração. Para mim, escrever meus pensamentos tem sido uma fonte infalível de revelação sobre meu eu interior. Particularmente, quando me sinto estressada, desanimada ou deprimida por qualquer motivo, escrevo o que estou sentindo (muitas vezes uma simples lista de frases, enumerando meus sentimentos), e geralmente sou capaz de esclarecer o que é que me está perturbando. Assim, posso lidar com o problema mais eficazmente. Às vezes escrevo uma página inteira com minhas frustrações, antes de começar a ver o que realmente me incomoda. Passei a conhecer-me, intimamente, escrevendo.”

*Descontrair-se e Apreciar a Vida.* Alguns simplesmente precisam descontrair-se mais e desfrutar a vida, os filhos, o relacionamento com o cônjuge e os amigos. Às vezes, esquecemo-nos que a capacidade de sentir alegria é uma das principais qualidades da Deidade (vide 3 Néfi 17:30), e que nossa experiência mortal se destina a nos proporcionar a plenitude da alegria. (Vide 2 Néfi 2:25; D&C 93:33.)

*Não Se Esquecer do Bom Humor.* Por mais séria que seja a vida, há muitos momentos que seriam



enriquecidos pelo senso de humor. Rir de vez em quando das inconsistências da vida reduzirá grandemente as tensões. O riso numa família é um maravilhoso lubrificante, capaz de aliviar a fricção do excesso de estresse.

### COMO LIDAR COM O DESÂNIMO

Dentre os mais difíceis sentimentos que temos de enfrentar, estão o desânimo, desespero, depressão, culpa e ansiedade.

Disse o Presidente Ezra Taft Benson: "Vivemos num tempo em que, como o Senhor predisse, os corações dos homens falhariam, não só fisicamente, mas em espírito. (Vide D&C 45:26.) Muitos estão perdendo a coragem para a batalha da vida. O suicídio se apresenta como uma das maiores causas de morte entre estudantes universitários. À medida que se aproxima o acerto final entre o bem e o mal, com suas conseqüentes provações e amarguras, Satanás está se esforçando cada vez mais para vencer os santos com desespero, desencorajamento, desalento e depressão." ("Não Se Desespere", *A Liahona*, março de 1987, p. 2.)

Tais sentimentos negativos muitas vezes nos levam a evitar justamente as pessoas que poderiam ajudar-nos. Um problema vago e indefinido pode parecer insuperável, mas com um pouco de conversa e troca de idéias, geralmente pode ser resolvido. Incentivar os filhos a expressarem o que sentem, desde a mais tenra infância, dar-lhes-á forças contra essa devastadora sensação de impotência.

Infelizmente, até mesmo pais

amorosos e comunicativos não podem ajudar certos filhos, cujos problemas se complicaram ou prolongaram demais. Essas crianças necessitam de assistência profissional. Para a maioria de nós, no entanto, não há necessidade de ajuda profissional. Os nossos problemas e os de nossos filhos podem fazer com que às vezes fiquemos desanimados e até deprimidos, mas tais sentimentos geralmente podem ser aliviados prosseguindo-se com a atividade diária de guardar os mandamentos: arrependendo-se, orando e jejuando, servindo, trabalhando bastante, conservando a saúde, lendo, perseverando, ouvindo música edificante, recorrendo a amigos e bênçãos do sacerdócio, para receber força e inspiração.

Como pais, a oportunidade de sermos mais cristãos poderá surgir quando familiares ou amigos passarem por problemas emocionais. O Élder Marvin J. Ashton aconselha aos que querem ajudar: "Certamente os maiores milagres de nossos dias são edificar e curar almas perturbadas. Devemos tomar nossos familiares pela mão e mostrar que nosso amor é real e constante." (Conferência Geral, outubro de 1973.)

O que o Élder Ashton sugere que pode ser feito de diversas maneiras.

*Owi-los.* Incentivá-los a expressar o que sentem. Garantir-lhes que não é anormal sentir-se perturbado, confuso e desapontado, de vez em quando.

*Não os Julgar.* Frases como: "Se ao menos..." ou "Eu lhe avisei que..." só fazem a pessoa sentir-se pior. Ajudá-los a perceber que não são culpados por acontecimentos fora de seu controle, e que não estão sendo

punidos. Se forem responsáveis pelos seus problemas, ajudá-los a perdoar-se e a deixar o passado para trás, arrependendo-se.

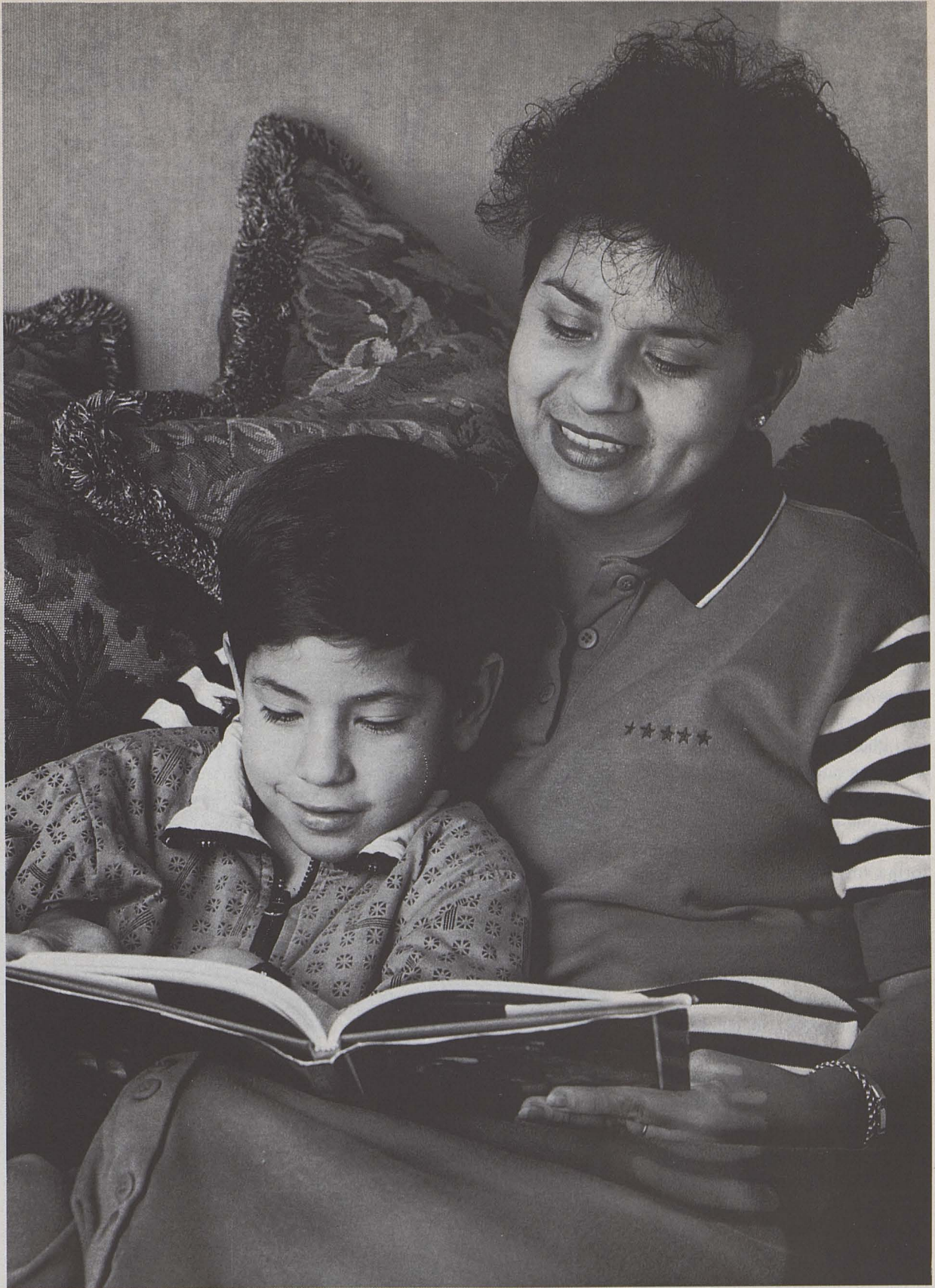
*Ajudá-los a Ter uma Perspectiva Espiritual.* Lembrar-lhes o propósito das provações na vida. Dar-lhes esperança. Orar juntos, suplicando ao Senhor, em voz alta, uma perspectiva eterna e o necessário entendimento do problema.

*Passar Tempo com Eles.* Estar disponível quando o filho ou o cônjuge sentir necessidade de discutir seus problemas e externar sentimentos. Às vezes, a simples proximidade, sem nenhuma distração, consegue acalmar um coração perturbado.

*Envolver Outros, Se Necessário.* Envolver pessoas capazes de ajudar. Incentivar os familiares a orarem juntos, trabalharem juntos, e apoiarem as pessoas em necessidade. Se precisar, recorrer a profissionais cujos valores sejam compatíveis com os nossos.

*Amá-los Incondicionalmente.* No fim e acima de tudo, nosso maior meio de apoio é amá-los sem dolo. Isto significa que aprendemos a vê-los como o Senhor os vê, pelo seu valor eterno como filhos de Deus. Como pais, precisamos aprender a fazer isso *particularmente* quando nossos filhos menos o merecem. Se conseguirmos isso, a despeito de todas as nossas fraquezas pessoais, podemos vencer qualquer coisa juntos.

O Evangelho de Jesus Cristo não promete eliminar o estresse, e ninguém deverá acreditar que o faça, mas dá sentido à oposição e resistência que encontramos nesta vida, e nos capacita a crescer "em sabedoria e estatura, e em graça para com Deus e os homens". (Lucas 2:52.) □



# “Só Corte os Meus Cabelos!”

Jerry McKean

**E**ra um dia quente de verão, e foi há muito tempo. Eu estava sentado ouvindo o clic, clic da tesoura do barbeiro, aguardando que terminasse, para eu poder sair dali. E não era só o calor que parecia opressivo. Meu barbeiro era uma espécie de missionário da Igreja Mórmon — “missionário de estaca”, conforme me disse — fosse lá o que fosse. Ele já sentira minha atitude negativa para com sua igreja, em ocasiões anteriores.

“A que igreja o senhor pertence, mesmo?” Ali estava a pergunta, a forma sutil de me envolver numa conversa sobre religião. Instintivamente eu sabia o que seguiria e, da mesma forma instintiva, repliquei: “Só corte meus cabelos, nada de sermões!”

Os mórmons não me são desconhecidos. Nasci e me criei na Cidade do Lago Salgado, Utah. Eu ia às reuniões de escotismo numa das capelas locais. Meus melhores amigos eram mórmons, mas não ousavam mencionar-me a igreja. Suponho que era minha atitude. Certa vez, enquanto esperava o início da reunião de escotismo, perguntei ao meu amigo o que

representava o grande quadro da parede. Há meses que eu vinha olhando para ele, ali sentado. Ele disse que era um anjo que mostrara as placas do Livro de Mórmon a certas pessoas.

Um anjo! Como podia meu melhor amigo acreditar numa coisa dessas? Na verdade, como poderia uma pessoa inteligente crer nisso? Ainda passariam anos antes do meu primeiro confronto real com a igreja mórmon.

Suponho que fosse inevitável. Eu estava visitando alguns amigos, quando duas mulheres — missionárias mórmons — bateram à porta. Elas mostraram-se amigáveis. Eu me sentia desconfortável, quase que como apanhado numa armadilha. Decidi discutir com elas.

“Crê na Bíblia?” perguntaram.

“Logicamente”, repliquei, não sabendo bem no que realmente acreditava.

Elas começaram lendo Atos 7:55-56, procurando mostrar que a Trindade é composta de três seres. Depois passaram à história da primeira visão de Joseph Smith. Eu sabia que havia uma resposta para sua interpretação da Bíblia, mas

precisava de ajuda para encontrá-la. Afinal, raciocinei, todos sabem que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são manifestações da mesma pessoa. Poderia trazer alguém que conhecia as escrituras melhor do que eu para conversar com elas? As missionárias asseguraram-me que sim.

Na semana seguinte, cheguei com um primo que era ativo na minha religião, tornando-me espectador da discussão que se seguiu. Se eu fosse imparcial, teria dado a vitória às missionárias mórmons, mas naturalmente decidi que meu primo simplesmente não tinha conhecimento suficiente. Encontraria alguém mais capacitado para enfrentá-las.

Durante a semana, procurei um amigo que estava estudando para tornar-se ministro. Ele poderia dar-me o apoio necessário.

“Como rebato Atos 7:55-56?” perguntei-lhe, depois de explicar minha situação. Para meu grande assombro, ele respondeu: “Sinto muito. Não posso ajudá-lo. Eu me inclino a separar mais a Trindade do que a maioria dos membros de nossa igreja.”

Minha próxima fonte de informação foi um ministro que morava perto de mim. Éramos



**“A que igreja o senhor pertence mesmo?” perguntou o barbeiro, ao que repliquei instintivamente: “Só corte meus cabelos e nada de sermões!”**

amigos e havia conversado com ele muitas vezes. Sua resposta para Atos 7:55-56 foi menos satisfatória ainda: “Como sabemos o que uma pessoa pode ver, enquanto morre apedrejada?”

Decidi não me encontrar mais com as missionárias. Para mim bastava. Comuniquei-lhes minha decisão, e elas me presentearam com um Livro de Mórmon, decidindo que não havia mais nada que pudessem fazer para me interessar na Igreja.

Alguns anos mais tarde, e noutra cidade, dois missionários estavam visitando o apartamento vizinho. Fiquei contente por não me terem procurado. Estava justamente alegrando-me com minha boa sorte, quando bateram à porta e lá estavam eles. Antes de terem oportunidade de dizer muita coisa, informei-os de que não estava interessado e fechei a porta.

Durante os anos seguintes parecia haver missionários mórmons por toda parte. Até meu barbeiro estava tentando abordar-me! Diversas duplas de missionários me procuraram. Um pouco envergonhado do jeito como tratara aquela dupla anos antes, comecei a convidá-los a entrar, com a condição de que deixassem seus livros

no carro e não tentassem converter-me. Eu sempre me via constrangido quando eles apareciam e não permitia qualquer discussão sobre religião.

Como fazê-los partir sem ser extremamente grosseiro? Como? Então tive uma idéia. Lógico, por que não? Devia ser fácil. Bastava provar que estavam errados. Eu mostraria a essa gente que sua doutrina era falsa e o faria com suas próprias escrituras. Na próxima vez que viessem, eu estaria preparado.

Se eu queria provar que estavam errados, tinha que saber alguma coisa sobre suas crenças. Como descobrir no que criam? Aquele Livro de Mórmon que as duas missionárias me deram anos antes. Isso! Eu o guardara numa gaveta ou caixa. Não foi difícil achá-lo. Do que tratava? Da história de Joseph Smith? História do mormonismo? Eu não sabia. De uma coisa, porém, tinha certeza: na próxima vez que aparecessem, eu estaria preparado.

Levei o livro para o trabalho, onde tinha algum tempo livre durante o dia. Na primeira oportunidade abri o livro. Ora, não parecia tratar coisa alguma sobre

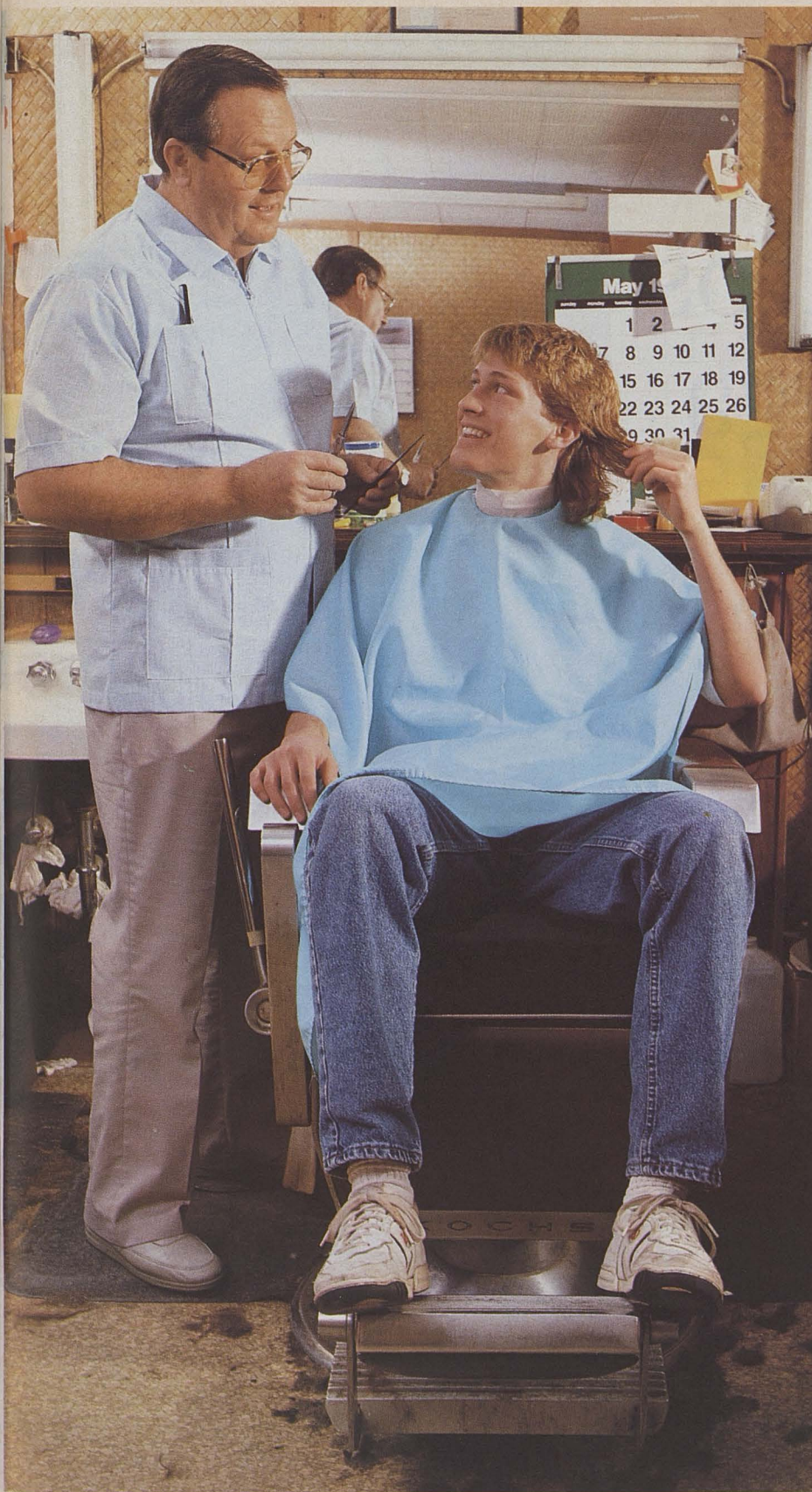
Joseph Smith! Notei uma página da frente mostrando coisas interessantes: o Sermão da Montanha no continente americano, a descoberta de Colombo, o Salvador nas Américas. Em que me estava metendo?

Não encontrando nada sobre a história de Joseph Smith no livro, apanhei alguns livretos missionários no posto de gasolina, cujo proprietário era mórmon. Eu queria era saber coisas desse Joseph Smith. Li a respeito da Primeira Visão. De alguma forma parecia diferente do que eu ouvira a respeito, anos antes. Li sobre um anjo chamado Morôni e certas placas de ouro. Voltando ao Livro de Mórmon, comecei a lê-lo nas horas de folga.

Algo estranho começou a acontecer. Minha hostilidade começou a desaparecer. Na verdade, o desejo de provar que os missionários estavam errados desapareceu. Minha breve curiosidade, ao abrir primeiramente o livro, foi substituída pelo desejo de saber. Que poder estranho era esse que parecia literalmente me atrair para esse livro? O que estava acontecendo comigo? Eu tinha de saber.

Vi-me gastando todos os momentos de folga pesquisando o Livro de Mórmon. Encontrei mais uma coisa: uma promessa feita por um profeta chamado Môroni — a ousada declaração de que poderia conhecer a veracidade do livro pedindo a Deus que ma revelasse. Sozinho um dia, prostrei-me diante do Criador e, segurando o Livro de Mórmon nas mãos, perguntei ao Pai Celestial o que era que me atraía tanto para o livro. Imediatamente — quase antes de terminar minha prece — fui engolfado pela lembrança de meus antigos hábitos e hostilidades. Implorei perdão, não tendo reconhecido meu estado miserável até então.

Os dias seguintes foram mais ou menos a mesma coisa — eu tentando lidar com o desejo assoberbante de imergir no estudo do Livro de Mórmon. Então aconteceu. Era uma quinta-feira à noite, antes da conferência geral da Igreja, em outubro. Cheguei em casa do trabalho com uma sensação crescente dentro de mim — uma sensação nunca sentida antes. Não sabia o que pensar daquilo. E foi crescendo devagar em intensidade.



**“Faça-me um corte especial. Eu vou filiar-me à Igreja.” De boca aberta, o barbeiro perguntou: “Que igreja?”**

Que sensação maravilhosa! Lembro-me de ter pensado: “Se é assim que a gente se sente no céu, gostaria de ter noventa e nove anos e estar prestes a morrer.”

Então recebi o testemunho — aquela certeza dos missionários que tanto me perturbara no passado. Eu sabia! Joseph Smith realmente esteve na presença do Pai e do Filho. Na verdade, foi visitado por anjos. Eu sabia. Sim, sem dúvida, eu sabia.

A semana seguinte foi engraçada. Fui correndo procurar meu barbeiro. “Faça-me um corte especial. Eu vou filiar-me à Igreja.” De boca aberta, não consegui falar por algum tempo. Quando se recompôs, sua resposta foi, com toda seriedade: “Que igreja?”

Então, conversando com ele, soube que ele seria meu primeiro bispo depois do batismo. Para nossa mútua surpresa e alegria, verificamos que já nos encontráramos, dois anos antes, quando ele servia na missão da estaca e uma pessoa grosseira lhe dera com a porta na cara, deixando-o de pé na entrada. □

*Jerry McKean, de Ogden, Utah, é missionário de estaca da Estaca Washington Terrace Utah.*

# Os Santos de Tonga

Um Legado de Fé

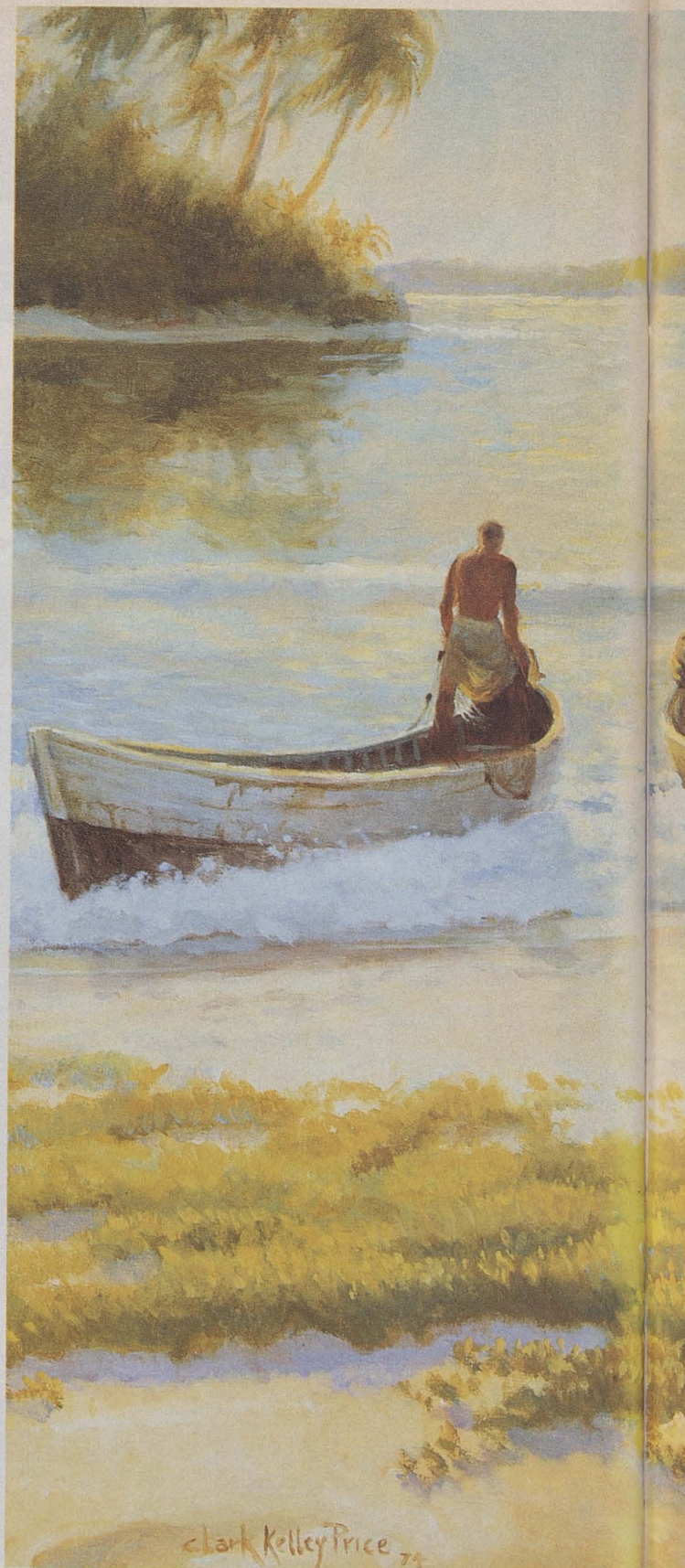


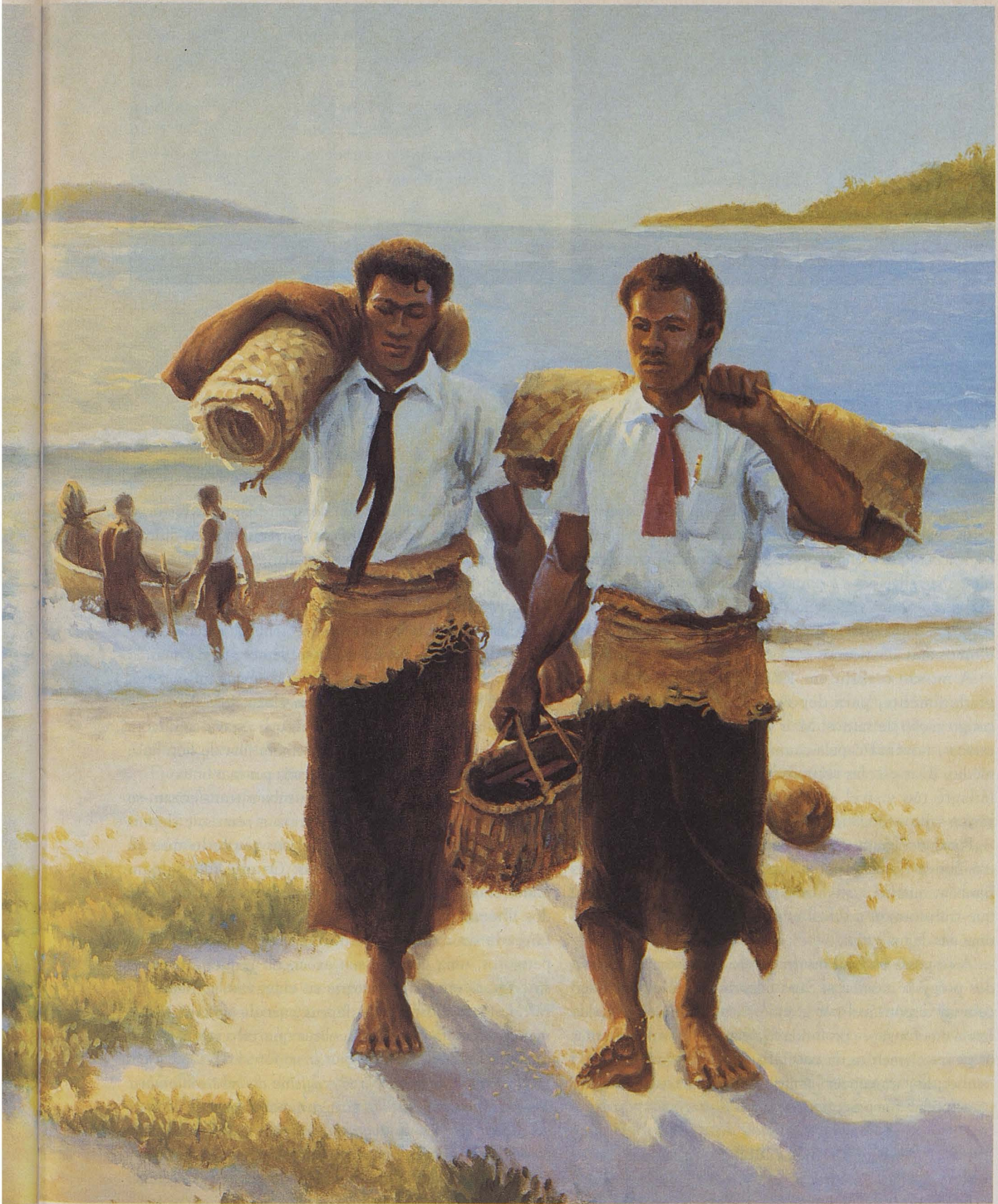
Eric B. Shumway

Os antigos missionários SUD em Tonga provavelmente chamariam a celebração do centenário da Igreja ali, em agosto de 1991, de milagre. Com o coração pesado, eles fecharam a parte de Tonga da missão de Samoa, em 1897 — exatamente cinco anos e nove meses depois de ela ser aberta pelos élderes Brigham Smoot e Alva Butler.

De 1891 a 1897, aproximadamente vinte missionários haviam labutado no Arquipélago de Tonga, tendo batizado apenas quinze pessoas. Em Tonga existia uma

**Acima:** Em julho de 1891, em seu primeiro dia em Tonga, os élderes Smoot e Butler visitaram o rei George I e receberam permissão para pregar no país. **À Direita:** Hoje, alguns élderes tonganeses usam o tradicional *tupenu* e *ta'ovalas* com gravata e camisa branca.





ILUSTRADO POR CLARK KEILEY PRICE



FOTO DE WILLIAM FLOYD HOLDMAN



forte tradição cristã, devido ao empenho de missionários protestantes (vide artigo correspondente), mas as obrigações que os nativos de Tonga sentiam para com o rei e sua religião — e para com os ministros das aldeias que mantinham vigilância sobre seu rebanho — faziam com que a maioria mantivesse distância dos santos dos últimos dias americanos.

A missão reabriu em 1907, a princípio crescendo gradualmente, para depois desabrochar numa forte congregação de santos. Mais de trinta mil membros, dez estacas, noventa capelas, uma dúzia de escolas de nível médio, duas escolas secundárias e um templo atestam o milagre tão visível em Tonga hoje, e onde quer que vivam santos tonganeses.

Por que a Igreja se tornou uma presença tão respeitável em Tonga hoje — não só em termos numéricos, mas também quanto à atividade e devoção dos membros? O que transformou a difícil e morosa missão de Tonga em uma das de mais rápido crescimento no mundo?

A resposta está na história pessoal e testemunho vivo dos próprios membros. Suas histórias revelam um traço comum responsável por grande parte do crescimento da Igreja em Tonga — profunda fé religiosa: fé para enfrentar os piores elementos da natureza na realização da obra do Senhor; fé para vencer hábitos e preconceitos pessoais; fé para confiar que o Senhor responde às orações.

#### JOGUE O BEBÊ

Enfrentar a inclemência da natureza, a fim de realizar

a obra do Senhor, é um tema comum de muitas histórias de fé tonganeses. Confiando em Deus em viagens difíceis e tormentas no mar, os santos tonganeses têm sido abençoados com coragem para fazerem coisas extraordinárias.

Sela Feinga, que atualmente trabalha no Centro Cultural Polinésio em Laie, Havaí, lembra-se de quando ela e o marido, Ha'unga, aceitaram o chamado missionário, em 1965, para construir igrejas em várias ilhas de Tonga. Levando a filhinha de cinco meses, que estava com febre alta, os Feingas viajaram para a remota ilha de Fotuha'a, uma ilhota de altos penhascos rodeada por mar bravo.

Os viajantes com destino a Fotuha'a transferiram-se do barco a motor para uma canoa a remos, e depois nadavam para a saliência de um rochedo que se projetava para águas profundas. Os que não sabiam nadar eram obrigados a saltar para os braços estendidos dos ilhéus, que ali se postavam para apanhar a carga lançada da canoa. Tais desembarques eram muito perigosos, uma vez que sua execução requeria perfeita sincronia com as ondas que se elevavam à altura da saliência rochosa, para depois cair de quatro a seis metros. A irmã Feinga descobriu que tal viagem exigia um literal salto de fé:

*Na manhã de nossa partida, a febre do bebê continuava elevada. Pequenas pústulas começaram a irromper e cobri-lo da cabeça aos pés. Estava com sarampo. Não houve nada porém, que demovesse meu marido. Enrolei nossa filha num cobertor e subi para o pequeno barco aberto, que nos levaria para Fotuha'a.*

**Extrema esquerda: O Templo Nuku'alofa de Tonga, dedicado em agosto de 1983.**

**Esquerda: Para Sela Feinga e o marido, Ha'unga, o chamado para a missão significou uma separação breve, mas traumática, de seu bebê. (Vide "Jogue o Bebê", abaixo.)**

**Direita: Mais e mais missionários nativos, como estes jovens, estão levando o evangelho a seus compatriotas.**



FOTO DE WILLIAM FLOYD HOLDMAN

Ao nos aproximarmos da ilha, formidáveis penhascos e costas rochosas se elevavam diante de nós. As ondas à nossa volta eram enormes. Alguns dos cidadãos da ilha já haviam começado a congregar-se na saliência rochosa, esperando receber os viajantes e sua bagagem.

A canoa aproximou-se para nos apanhar, um barquinho remado por um jovem professor da ilha. Quando chegamos perto da rocha, ele disse: "Contaremos as ondas, e quando chegar uma suficientemente alta para nos levantar ao nível da saliência, vocês devem saltar ou jogar seus pertences para as pessoas que ali estão."

Eu estava quase inerte de medo, debaixo da chuva, enquanto nos aproximávamos do perigoso embarcadouro. Então o professor gritou para meu marido: "Prepare o bebê! Eles darão ordens para ela primeiro!"

A ordem para meu marido foi dada quase instantaneamente pelo homem na saliência: "Hei, a pessoa com o bebê! Tire o cobertor e toda a roupa da criança."

"Como assim?" gritei. "O bebê está com sarampo. Não podemos tirar-lhe a roupa."

Nosso remador falou energicamente com Ha'unga: "Tem que despi-la toda, porque terá de jogar o bebê para eles. Não pode arriscar que o homem o deixe cair nas pedras ou no mar porque o cobertor ou as roupas atrapalhariam."

Veio nova ordem da saliência: "Ande logo, tire as roupas do bebê. Meu marido, porém, simplesmente não conseguiu. Talvez estivesse tão aterrorizado quanto eu."

O jovem professor arrancou o bebê dos braços de Ha'unga e, num segundo, deixou-o nu, exceto pelas fraldas. Chegou uma onda e ergueu a canoa, mas não o suficiente.

Lá fomos para baixo quando o mar retrocedeu e novamente para o alto com outra onda. Ainda baixa demais.

Quando subimos com a onda seguinte, ouvi o comando: "Jogue o bebê!"

Gritei, segurando o estômago. Não conseguia olhar, mas as palavras seguintes foram de meu marido: "Não se aflija. O bebê está seguro."

A irmã Feinga, contudo, teve pouco tempo para sentir-se grata, pois era a sua vez de saltar. Histórica de tanto medo, ela "perdeu" a onda certa quatro vezes, antes de o homem em terra gritar: "Mulher, quer seu bebê novamente ou não?" Com uma prece nos lábios, ela saltou para a segurança.

Taukolo Langi também fez uma viagem que exigiu muita fé, enquanto cumpria missão com Temalisi, sua esposa, em Ha'apai. Solicitados a estender sua missão, para servir como presidente de ramo em Felemea, o casal começou a dedicar-se aos santos menos ativos de lá.

Certo sábado em 1958, o irmão Langi e Taniela, seu filho de cinco anos, não conseguiram voltar para as reuniões de domingo em Felemea depois de comparecerem às reuniões de distrito em Pangai. Embora a maré baixa lhes permitisse atravessar o recife até Uoleva, Sione Moala Havili, seu amigo, desencorajou-os de tentarem cruzar o canal para Felemea. O mar estava tão bravo que nenhuma embarcação estava indo ou vindo. O irmão Langi, porém, tinha uma única coisa em mente: voltar para presidir os serviços dominicais em Felemea e rever sua esposa, que estava grávida de oito meses, esperando o segundo filho:



AS FOTOS DESTA PÁGINA SÃO DE ISILEI TUPOU KONGAIKA

*Eu estava decidido a tentar a travessia, sentindo que, uma vez que estávamos a serviço do Senhor, seríamos protegidos. Pedi a Taniela que se ajoelhasse comigo ao lado da canoa de Sione Moala, para pedir ao Pai Celestial que abençoasse nossa travessia. Proferimos a prece enquanto ondas enormes se precipitavam na praia.*

*Saí para o mar com o pequeno Taniela sentado bem perto de mim. Embora minha fé fosse forte, não esperava uma travessia tranqüila por aquelas águas tão revoltas de Tonga, particularmente numa canoa tão pequena e baixa.*

*Foi como se deslizássemos sobre uma superfície calma. Mal nos molhamos. Nem precisamos baldear água. Chegamos facilmente à praia, atravessando a rebentação, e fomos cobertos de perguntas pelas pessoas assombradas com nosso aparecimento. Havia três dias que ninguém deixara as praias de Felemea, por causa do mar revolto. Senti profunda gratidão pela óbvia bênção do Senhor.*

*Os santos de Tonga testificam que a fé na proteção do Senhor contra as forças da natureza tem salvo não só a eles mas também como no caso de Tevita Taimani, aqueles que tentaram ajudar.*

*O irmão Taimani estava levando uma enferma para o hospital em Ha'afeva, a bordo de um barco com motor de quinze cavalos, em meio a terrível temporal e ondas elevadas. Sem que ele notasse, uma onda arrancara o tanque de combustível, levando consigo a mangueira que o ligava ao motor.*

*Mal posso acreditar que quando dei partida no motor, depois de embarcada a paciente, eu não tivesse notado a falta do tanque e da mangueira, mas o barco partiu e abrimos*

*caminho através do canal, com o motor resfolegando no mar grosso, mas sem falhar. Tivesse parado, estaríamos numa situação desastrosa — sendo arrastados para o mar aberto e lançados violentamente contra algum recife.*

*Só quando ancoramos em Ha'afeva foi que descobri a falta do tanque de combustível e que atravessáramos as águas revoltas sem nada alimentando nosso pequeno motor de popa. Isto é seguramente um exemplo de como estamos protegidos quando servimos ao Senhor.*

### FÉ PARA MUDAR

O legado de fé dos santos de Tonga estende-se também a milagres mais sutis — tal como o milagre de superar hábitos e preconceitos e, com fé, modificar-se.

Lu'isa Palauni Kongaika descreve seu marido, Viliami, como uma “pessoa boa e otimista”, e a si mesma, no passado, como “teimosa e combativa, tendendo a ser dominadora”.

Durante a missão de proselitismo do casal, em 1946, a irmã Kongaika teve um sonho que a afetou profundamente. Em virtude disso, ela entendeu que “meu hábito de brigar e discutir tornara-se um fardo, tanto para meu marido como para nosso trabalho missionário”.

*No sonho, o presidente Emile C. Dunn, da Missão de Tonga procurou-me dizendo que queria que eu o acompanhasse com sua esposa e filha a uma conferência especial, onde o próprio Senhor estaria presente. Felizmente fui com eles. Chegando ao local, vi uma grande e alta pedra em forma de porta. Informaram-me que Cristo estava atrás daquela porta, e que*

**Extrema esquerda: A vida de Lu'isa Palauni Kongaika foi profundamente afetada por um sonho. (Vide "Fé para Mudar", abaixo.)**

**Esquerda: Como inúmeros membros da Igreja em todo o mundo, os santos de Tonga plantam seus próprios alimentos, cultivando hortaliças, raízes e frutas.**



veria cada um de nós numa entrevista pessoal.

Chegando a minha vez, fui feliz e confiante para a entrevista, mas o Salvador me olhou severamente e disse: "ó mulher de má língua, não quero ver-te. Tu falas palavras tão feias para teu marido! Sejam quais forem tuas outras boas qualidades, tuas constantes implicâncias e zombarias são uma desgraça. Sai da minha presença."

Chorei e implorei, até que fiquei sozinha com minha desgraça. Acordei com meus soluços e imediatamente pedi perdão ao meu marido. Eu fora uma peste, uma briguenta e havia tirado vantagem de sua índole afável, mas agora lhe pedia perdão.

Desde aquele momento até hoje, tenho sido diferente com meu marido, sentindo muito mais amor por ele e sendo positiva e colaboradora.

Sione `Oleli Piutau Tupou também descobriu que jornadas pessoais e espirituais exigem tanta fé quanto as físicas. Criado na Igreja por pais que ele considera "baluartes", ele afastou-se depois da morte deles, passando a freqüentar outra denominação cristã, mas em 1984, depois de quarenta e seis anos, ele soube que passariam um filme antimórmon na aldeia.

No dia e hora aprezados, encontrava-me no clube comunitário, vendo o povo chegar para assistir ao filme; sentia-me desgostoso e deprimido, porque uma igreja com tanta coisa boa seria atacada publicamente.

Estando assim deprimido, de repente senti a presença de meus pais que estavam mortos havia tantos anos. Comecei a chorar, incapaz de controlar as lágrimas, e surpreendi meus companheiros levantando-me e indo para casa.

Foi uma noite insone e horrível para mim; e a manhã seguinte foi pior ainda. Eu sabia que necessitava de ajuda divina para escapar das trevas que me envolviam, e iniciei um jejum no qual implorei ao Pai Celeste que me socorresse.

Ao terminar o jejum, senti uma indescritível alegria e alívio; o Pai Celestial incutiu-me no coração a admoestação e coragem para voltar para sua igreja, minha igreja, a igreja de meus pais.

No domingo enverguei minhas melhores roupas e fui à capela. Os santos ficaram tão surpresos em me ver, quanto meus antigos companheiros de igreja haviam ficado amargurados em me ver partir. Nunca mais perdi uma reunião da Igreja. Minha família recebeu muitas bênçãos, desde que me "reconverti". Muitas vezes fico refletindo nas estranhas circunstâncias que me levaram a ponderar seriamente a Igreja, que me fizeram sentir a proximidade de meus pais falecidos, e que me deram o ímpeto para buscar o testemunho da verdade, por meio de jejum e oração.

#### O SENHOR PROVERÁ

Outro elemento importante no legado da fé em Tonga, é a confiança em que Deus proverá — seja o sustento físico ou ajuda numa emergência.

Quando Saia Paongo cumpriu missão em 1964, ele ficou encarregado de seis missionários residentes na remota ilha de Niua Toputapu. Muitas vezes eles não sabiam de onde viria sua próxima refeição. Certo dia, visitaram, pregando nas casas de Falehau, enquanto jejuavam, mas depois não tinham alimento para quebrar

**Taukolo Langi e o filho, Taniela, buscaram a proteção do Senhor para poderem retornar a sua ilha, cruzando um braço de mar extremamente revolto. Enquanto ondas enormes rebentavam na praia, eles encontraram paz e força na oração.**

o jejum. Saindo de sua cabana, Élder Paongo teve uma forte impressão:

*Era como se alguém me dissesse: "Leve seus missionários para a praia no lado de lá da ilha." Pedi ao meu companheiro que pegasse os apetrechos de pesca e fomos todos para a costa rochosa de Niua Toputapu.*

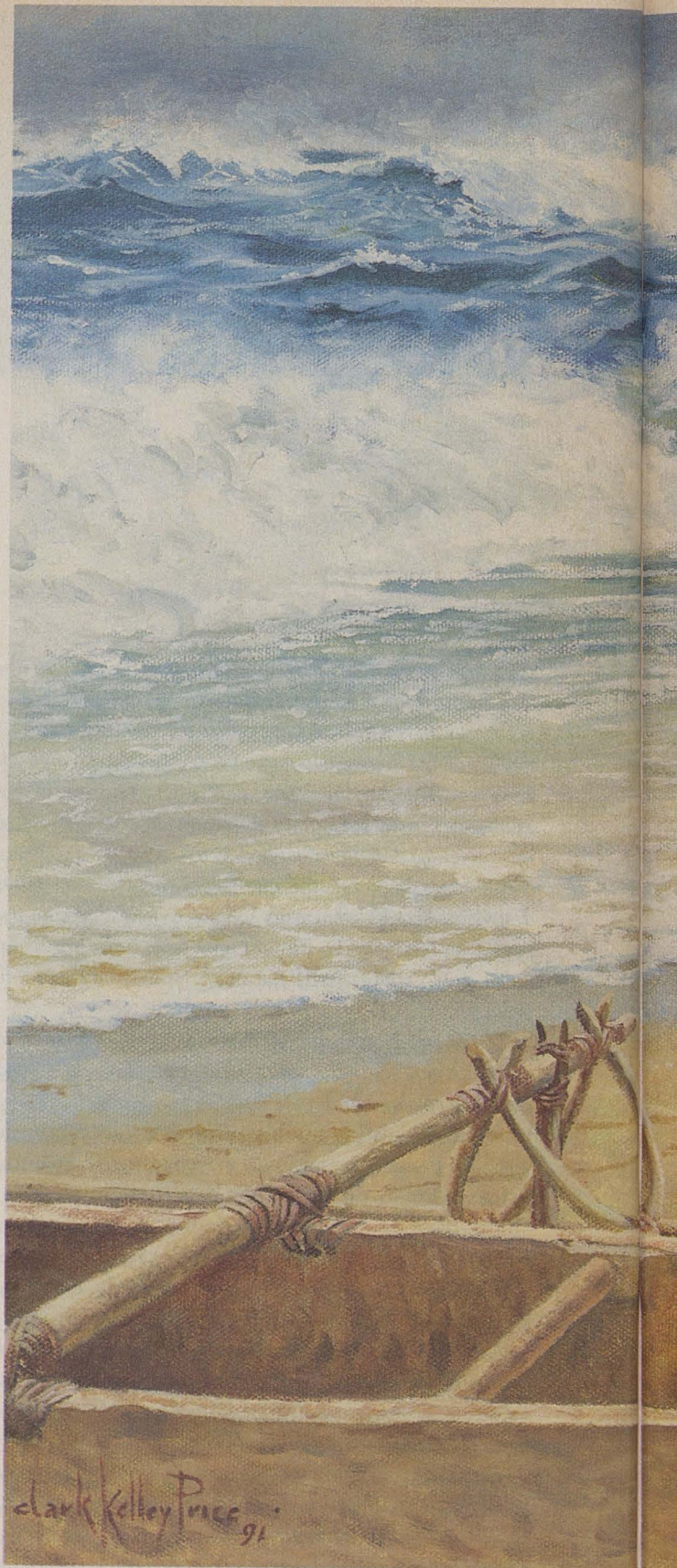
*Infelizmente, a maré já estava cheia quando lá chegamos. Não havia meios de apanhar peixes com lança no recife. Desapontados, sentamo-nos para descansar, exceto o élder Fonua, que foi caminhando ao longo da praia.*

*De repente, o élder Fonua nos chamou. Fomos correndo para perto dele e lá tivemos uma visão maravilhosa: um grande e gordo peixe menenga ou bodião de águas profundas, que quase se lançara à praia sozinho. Por incrível que pareça, ele nadara diretamente para a areia. Com quase um metro de comprimento e trinta centímetros de grossura, foi um verdadeiro festim para nós.*

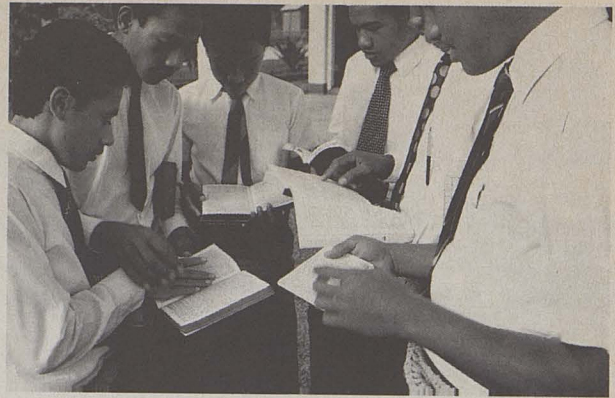
*Eu sei que esse peixe foi preparado para nós e que o Pai Celestial ama os jovens missionários famintos, mesmo que estejam numa ilha distante.*

O Dr. Salesi Havili teve sua fervorosa oração respondida na sala de operações do Hospital Vava'u. Ele e sua mulher haviam-se filiado à Igreja um ano antes, em 1977, e se estavam preparando para ir ao templo. Ele descobriu, porém, que uma experiência, durante uma cirurgia foi a prova de fé de que necessitava antes de dar esse passo.

Dentro das limitações do hospital local, dois cirurgiões e o Dr. Havili, o anestesista, começaram a operar Mafi Vakaloa, um senhor de certa idade. Quando a enfermeira sussurrou ao Dr. Havili que não sentia mais







AS FOTOS DESTA PÁGINA SÃO DE WILLIAM FOYD HOIDMAN

o pulso de Mafi, ele descobriu que o paciente falecera na mesa de operação. Em pânico, verificou e reviu todo seu aparelhamento, tentando descobrir o que saíra errado. Finalmente se pôs a orar:

*A princípio foi uma prece desesperada e superficial. Afinal, eu sabia cientificamente que Mafi estava morto. E pelas limitações de meu conhecimento e ambiente, eu havia exaurido meus recursos pessoais na tentativa de revivê-lo.*

*Orei uma segunda e uma terceira vez. Culpa e dúvida dominavam meus sentimentos. Embora eu pedisse ao Pai Celeste que restabelecesse os batimentos cardíacos de Mafi, pela medicina, eu tinha consciência de que ele estava morto. Eu temia ter causado sua morte, mas à medida que orava, tive a sensação de que a vida de Mafi dependia da sinceridade de minha prece e da profundidade de minha crença — que esta crise era para provar minha fé, quase às vésperas de eu ir ao templo.*

*Dezoito minutos haviam decorrido desde que o coração de Mafi cessara de pulsar. Orei mais fervorosamente, arrazoando com o Senhor e prometendo-lhe uma total concentração de minha vida nele, se revivesse aquele homem.*

*Finalmente, inclinei a cabeça novamente e orei com fervor e intensidade maiores que nas orações anteriores. Falando com o Senhor, suprimi qualquer fragmento de dúvida e orei até que soube, ao abrir os olhos, que o coração de Mafi voltaria a pulsar.*

*E milagrosamente foi assim. O coração de Mafi retomou seu ritmo, após vinte e cinco minutos de parada total. Fui subjugado pela alegria e pelo assombro. Ao fazer a ronda pelas diferentes enfermarias do hospital, fiquei comovido*

*vendo a esposa de Mafi sentada à borda da cama do marido. Mafi estava bem alerta, consciente e — vivo.*

#### LEGADO DE FÉ

Quando Enoch LaVell Manwaring serviu como missionário construtor em Tonga em 1957, ele levou alguns missionários construtores para a ilha de 'Uiha, a fim de erguerem uma capela. Uma pequena senhora de idade, chamada Vaikato, insistiu em ajudar na construção, embora constasse ter ela mais de cem anos de idade. Os missionários tentaram persuadi-la a não carregar tijolos pesados e levantar baldes, mas ela se recusava a deixar de ajudá-los. À medida que prosseguia a obra, alguns missionários de construção tonganeses procuraram o irmão Manwaring e perguntaram-lhe se ele conversara com Vaikato sobre os planos da construção. Ele disse que não e ficou surpreso quando lhe contaram que Vaikato já sabia como seria a capela:

*Os homens contaram-me que ela dizia a todos os obreiros exatamente onde ficariam as salas de aula, onde se situaria o púlpito, e exatamente como seria a capela depois de pronta. Era inacreditável o que ela sabia.*

*Soube por um intérprete, que vinte anos antes do início do programa de construção nas ilhas do Pacífico Sul, ela recebera uma bênção do Élder George Albert Smith, que estava visitando o arquipélago de Tonga. Na bênção, ele lhe disse que se fosse fiel, viveria para ver uma linda capela ser erigida na ilha — e ela a visualizou perfeitamente enquanto ele falava.*

**Extrema esquerda:** Uma típica capela SUD em Tonga. **Esquerda:** Os antigos missionários da Igreja ficariam satisfeitos vendo a dedicação dos missionários atuais, preparando-se para ensinar o evangelho. **Direita:** J.E. e Emma Giles (sentada) posaram para esta foto de 1895, com os quatro filhos e três missionários (de pé).



Certamente, os primeiros missionários SUD que desembarcaram em Tonga, há cem anos, devem ter tido visões também. Seus humildes esforços, comemorados este ano na celebração do centenário, acabaram pavimentando o caminho para uma vibrante e florescente congregação. Um símbolo desse crescimento é o belo templo em Nuku'alofa — um monumento apropriado à fé tão evidente na vida dos santos de Tonga. □

*Eric B. Shumway é vice-presidente acadêmico na Universidade Brigham Young-Havaí. Estas histórias foram extraídas de seu livro Tongan Saints, Legacy of Faith, publicado pelo Instituto de Estudos Polinésios da universidade, em comemoração do centenário da Igreja em Tonga.*

## Legado de Tonga: Um Fundamento Cristão

Qualquer celebração do crescimento e da eminência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Tonga hoje deve reconhecer o esforço de homens e mulheres que ajudaram a levar o cristianismo para as ilhas de Tonga. Embora não soubessem coisa alguma a respeito da restauração, os missionários cristãos, especialmente os metodistas, foram os *kau fakamelomelo* (aqueles que vieram antes, para preparar o caminho). Eles ensinaram a oração, traduziram a Bíblia e organizaram escolas e congregações para o povo de Tonga.

Missionários protestantes *palangi* (brancos)

trabalhavam com missionários tonganeses, mas tinham dificuldade em vencer a lealdade do povo para com seus chefes. A enorme transformação ocorreu quando o Chefe Taufa'ahau foi batizado cristão em 1831, e iniciou uma vigorosa campanha contra a velha religião indígena.

Taufa'ahau adotou o nome cristão de George, aprendeu a ler e escrever perfeitamente, e serviu como pregador regular da igreja metodista. Homem inteligente, com presença imponente, ele foi uma força vigorosa na igreja. Quando se tornou *Tu'i Kanokupolu* — rei de toda Tonga — em 1845, ele enfraqueceu grandemente as alianças não-cristãs, até que cessassem de ser uma ameaça.

O metodismo continuou sendo a religião nacional até 4 de janeiro de 1885, quando o rei George instituiu a Igreja Livre de Tonga. Embora ainda seguisse o rito e doutrina da igreja de Wesley, era independente em sua organização. As conseqüências sociais, religiosas e políticas dessa cisão criaram um ambiente de confusão, intolerância religiosa e persistente ressentimento.

Foi nessas condições que chegaram a Tonga os dois primeiros missionários SUD, Brigham Smoot e Alva Butler, a bordo do S.S. *Wainui*, em 15 de julho de 1891. Nessa época o povo desejava *melino mo fe'of'o'ofani* (paz e harmonia) e a sociedade inteira não queria nenhuma desarmonia, mudança ou novas religiões.

Embora desavenças religiosas da época fizessem a missão ser fechada, os santos dos últimos dias retornaram quando a controvérsia amainou, construindo sobre o trabalho dos *kau fakamelomelo* e levando muitos que já conheciam Cristo, à plenitude do evangelho. □

# NUNCA SE É VELHO DEMAIS

Stephen K. Christiansen

**E**le é forte, saudável, cheio de vida. Ainda trabalha todos os dias. Ama o evangelho. É um missionário incansável e tem noventa e um anos de idade. O exemplo de Lázaro Lúcio Rivera del Carpio Marroquín mostra que não importa qual seja a idade, nunca se é velho demais para viver o Evangelho de Jesus Cristo.

O irmão Rivera nasceu em 17 de dezembro de 1899, em Arequipa, Peru. Radicou-se em Cuzco, uma cidade a seiscentos quilômetros a sudeste de Lima, localizada nos picos dos Andes. Foi lá que ele conheceu os missionários. A história de sua conversão e subsequente dedicação à Igreja mostra a fé e as boas obras que caracterizam esse pioneiro peruano da Igreja.

“Como Joseph Smith e tantos outros, eu estava em busca da verdade em todas as seitas religiosas”, diz o irmão Rivera, “mas nunca me filiei a alguma delas.” Sua busca chegou ao fim quando tinha sessenta e sete anos de idade.

“Eu estava em minha loja, trabalhando”, diz ele. “Era um domingo. Meu filho Héctor apareceu e disse: ‘Pai, sei que pesquisou muitas igrejas, mas existe uma nova na cidade.’

Ao que lhe respondeu: ‘Não importa, são todas iguais.’

‘Vamos lá’, insistiu Héctor. ‘Esta poderá ser a que está procurando.’

Talvez o Espírito do Senhor estivesse comigo, induzindo-me a ir. Assim, pus o chapéu e fui com Héctor ao local de reuniões. Ali encontramos dois élderes.

Saudei-os e eles nos cumprimentaram. As nove e trinta ou dez horas da manhã a reunião começou, e fiquei até o meio-dia. A princípio não entendi grande coisa do que ouvi, por estar mais acostumado aos costumes religiosos nos quais me criara. Na segunda visita, uma semana depois, dei-me conta de que encontrara a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, particularmente quando os élderes falaram da Palavra de Sabedoria.”

Agora, vinte e quatro anos mais tarde, o irmão Rivera ainda dá muito crédito à Palavra de Sabedoria pela sua boa saúde e energia de vida.

“Após o batismo, algo mudou dentro de mim”, diz ele. “É o meu segredo por viver tanto tempo.”

“Desde que me lembro” diz o filho Héctor, “nunca vi meu pai violar a Palavra de Sabedoria. Estou convencido de que por isso ele é tão forte e abençoado pelo Senhor.”

Os missionários que o irmão Rivera conheceu em 1967 foram os primeiros designados para Cuzco — embora a obra missionária tenha tido início no Peru em 1956 — e ele foi um dos primeiros conversos dessa cidade. Desde o contato inicial com os missionários, o irmão Rivera sempre adorou a obra missionária, e seu entusiasmo é evidente quando ele fala a respeito.

“Sou um santo dos últimos dias, por isso onde quer que esteja, falo do evangelho”, diz ele. “Não desperdiço tempo. Digo aos amigos: ‘Se querem que a vida lhes vá melhor, ou resolver certos problemas, eu tenho a resposta: Venham para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Venham às reuniões e depois os



missionários os instruirão e prepararão para o batismo. Então serão felizes.' Não me canso de falar do evangelho. Poderia falar dia e noite sobre ele."

Ele não só *fala* da obra missionária, como a *faz*. Na sua loja em Cuzco, existe um cartaz convidando os fregueses a pedir visitas missionárias. Tem ajudado familiares e amigos a se filiarem à Igreja e edificarem seu testemunho.

"Minha sina é ser como Pedro, um pescador de homens", diz ele.

A vida dele em Cuzco representa uma mescla singular do Velho e do Novo Mundo na América do Sul. Ele é descendente direto de Nicolas de Rivera Viejo, um chefe espanhol que veio para o Novo Mundo com Francisco Pizarro, o conquistador do século dezesseis. A cidade de Cuzco era o sítio da capital inca, muito antes dos espanhóis chegarem.

Hoje, o irmão Rivera lança mão de antiqüíssimas técnicas para criar finas peças de joalheria. Sua técnica e atenção a detalhes têm atraído interessados de todo o mundo, inclusive astros de cinema locais e internacionais. Mesmo tendo recebido ofertas de emprego de muitas partes, ele permanece em Cuzco, porque acha que ali é que é necessário.

Pouco depois do batismo, o irmão Rivera foi chamado como presidente do ramo de Cuzco. Nessa posição, foi instrumento para a bênção da vida dos outros membros. Ele recorda um desses casos. "Um membro recém-batizado, Pablo Concha, era um engenheiro desempregado que decidiu procurar trabalho em Lima. Antes de partir, disse-lhe: 'O senhor ficará em Lima não mais que quinze dias'. Quando voltar, terá não só *um* emprego, mas *dois*. "Ao voltar para casa duas semanas depois, o irmão Concha havia sido nomeado professor de geologia na Universidade de Lima e presidente do Departamento de Registro de Terras e Minas do governo."

O irmão Rivera diz que o Senhor lhe pôs as palavras na boca. "O Senhor induz seus membros a dizerem o que

ele quer que digam."

Héctor Rivera diz que a fé do pai tem sido sempre inspiradora. "Mesmo que o céu desabasse, ele não deixava de ir às reuniões da Igreja aos domingos. Desde que se filiou à Igreja, nunca vi meu pai cumprir seus chamados *correndo*." O irmão Rivera é sumo sacerdote e atualmente diretor de história da família da estaca.

Outra característica do irmão Rivera é seu amor às escrituras, e à Palavra de Sabedoria. É às escrituras que ele atribui sua grande vitalidade e energia de vida. "Leio as escrituras todos os dias", diz ele. "Mesmo com idade avançada, tenho muito que aprender por isso continuo a estudar, a envolver-me no evangelho de Jesus Cristo. Quero ser um pouco melhor a cada dia."

Héctor diz que vê o pai lendo as escrituras constantemente. "Pela manhã, ao acordar, encontro-o lendo o Livro de Mórmon, a *Liahona* e outros livros da Igreja. Vejo-o novamente em seu quarto, lendo as mesmas coisas. Ao ver isso fico maravilhado. Vendo o quanto ele amava as escrituras, comecei a ler o Livro de Mórmon."

As escrituras têm ajudado o irmão Rivera a permanecer tão jovem interiormente quanto age externamente. Na verdade, uma de suas escrituras prediletas recomenda-lhe: "Aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua juventude a guardar os mandamentos de Deus!" (Alma 37:35.)

"Que maravilhosas palavras!" diz ele. "Elas nos dão um exemplo de como devemos seguir a senda da retidão."

A despeito do trabalho árduo e de sua motivação, o irmão Rivera reconhece a verdadeira fonte de suas bênçãos. "Muitos admiram minha idade avançada, mas é Deus quem me dá vida", diz ele. "Sem ele, nada somos."

Como se sente o irmão Rivera por viver o evangelho?

"Sou muito feliz, mais feliz do que se tivesse todo o ouro do mundo. É nisto que se resume a vida — servir a Deus, servir ao próximo. O evangelho é maravilhoso." □



**"Acalmando a Tempestade", de Ted Henninger**

"Eis que no mar se levantou uma tempestade, tão grande... E os seus discípulos... o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos.  
... Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança." (Mateus 8:24-26.)



**E**stes missionários SUD de Tonga estão fundamentando seu trabalho em cem anos de obra missionária em suas ilhas. Vide “Os Santos de Tonga: Um Legado de Fé”, p. 36.